

DIDEROT

E A PHILOSOPHIA DO SECULO XVIII

(A proposito do seu centenario em 30 de julho de 1884)

O moderno movimento naturalista, que se funda no relativismo de todos os nossos conhecimentos, tendo posto de parte a inutil e improficua investigação das causas primeiras e finaes, movimento, a que preside com o rigor e a segurança de um methodo puramente scientifico, a philosophia positiva, tem a sua origem em Aristoteles, em Bacon, em Descartes, e consiste propriamente na extensão do bom senso popular a todos os phenomenos susceptiveis de observação e de exame, desde os simples dados mathematicos até aos mais complexos factos sociologicos. Augusto Comte, com a fundação da Sociologia, completou a serie hierarchica das sciencias, arrancando ao providencialismo banal o seu ultimo asylo e submettendo a leis naturaes o desenvolvimento das sociedades humanas. Esta evolução positiva da philosophia atravessou necessariamente varios graus, á proporção que uma nova ordem de factos entrava no dominio da sciencia. A synthese objectiva não se formou de uma só peça no cerebro de qualquer pensador eminente, mas foi a resultante de addições successivas effectuadas pela longa fila de sabios que prepararam o caminho a Descartes e que continuaram a sua obra alargando o campo experimental n'estes ultimos seculos. No intervallo de tempo que vae de Descartes a Augusto Comte tem a preeminencia a escola philosophica franceza do seculo xviii, á frente da qual brilha pelas qualidades altamente superiores do seu espirito, o grande Diderot. É elle não só o primeiro da sua época, mas talvez mesmo o maior desde Aristoteles até Augusto Comte.

Na impossibilidade manifesta de traçarmos em poucas paginas um estudo completo ácerca d'este notavel precursor da philosophia positiva, e de analysarmos detidamente a sua época, os seus principaes collaboradores e os laços que prendem intimamente o seculo xviii ao movimento philosophico e scientifico dos seculos precedentes, assim como ao movimento naturalista que d'elle deriva em linha recta, contentar-nos-hemos com um ligeiro esboço, que, indicando a parte da philosophia franceza do seculo passado na evolução da humanidade, accentue com precisão e clareza a influencia de Diderot sobre os seus contemporaneos e successores.

Escusado será, decerto, lembrar que desde os fins da idade media, ou melhor, desde os principios do seculo xiv, a Europa atravessa uma phase de transição revolucionaria caracterisada, sob o ponto de vista intellectual, pela decadencia crescente da doutrina christã e pelo gradual desenvolvimento das sciencias naturaes. Esta dupla evolução, negativa e positiva, deu-se conjunctamente, embora a primeira se effectuasse com maior velocidade do que a segunda. De ordinario n'este periodo metaphysico, todos os grandes espiritos contribuíram, ainda que em proporções diferentes, tanto para a dissolução do regimen theologico, como para o advento de uma nova philosophia essencialmente scientifica. A escola do seculo xviii, apesar de principalmente demolidora, não deixou ainda assim de prestar um concurso efficacissimo ao avanço necessario das doutrinas constructivas, alheias absolutamente ao sobrenatural e ao providencialismo. Diderot, melhor do que qualquer outro, representa no seculo passado, esta direcção positiva da sciencia, da philosophia e da arte.

A decadencia do monotheismo foi a consequencia natural do desenvolvimento dos proprios germens que na phase mais brilhante do periodo theologico — o polytheismo, — contribuíram para o seu apparecimento como a derradeira modificação transitoria das doutrinas theologicas. A distincção estabelecida pelos philosophos gregos entre a philosophia natural e a philosophia moral, a primeira abrangendo o mundo em o meio physico em que vivemos, e a segunda referindo-se exclusivamente ao homem, quer isolado, quer em sociedade, trouxe a separação completa d'estas duas ordens de phenomenos das quaes uma se tornou o objecto e o fim das religiões monotheistas, ao passo que a outra ficou servindo de thema ás especulações metaphysicas dos philosophos. Durante toda a idade media a philosophia natural occupou um logar muito inferior, porque os maiores espiritos da época dedicavam-se fatalmente a manter e a desenvolver a força ecclesiastica pela séria organização da Igreja no dogma, na disciplina e no rito. Comtudo as doutrinas aristotelicas, propagadas pelos Arabes e rachimamente conserva-

das n'alguns nucleos litterarios, vieram a tomar um novo impulso com as primeiras descobertas scientificas, ampliando-se por fórma tal que Descartes pôde tentar no seculo xvii o estabelecimento de uma synthese. Era prematura, porquanto só as mathematicas, a astronomia, e mesmo a physica ainda mal distincta d'esta ultima, tinham attingido a sua organização scientifica; no entanto forneciam sufficientes dados para a concepção da philosophia natural, inteiramente baseada nos principios da geometria e da mechanica, porque as unicas noções claras e distinctas das cousas materiaes, accessiveis ao nosso entendimento, são, como affirma o philosopho, «aquellas que nós temos das figuras, das grandezas e dos movimentos, e das regras segundo as quaes estas tres cousas podem ser diversificadas umas por outras...» Descartes pretendia partir da experiencia e da observação: «É preciso investigar, não o que os mais pensaram ou o que nós mesmos suppomos, mas o que nós podemos vér de um modo claro e evidente, ou deduzir de uma maneira certa.» Esta deducção que lhe parecia segura, levou-o a estender aos phenomenos mais complicados das sciencias superiores as leis particulares das sciencias mais simples, arrastando-o para o pleno dominio metaphysico, apesar de declarar com franqueza que o homem moral e social era completamente estranho ao seu systema; o seu methodo mathematico não vae além dos problemas da vida animal. D'aquí todos os seus erros e a direcção falsa seguida pela escola cartesiana, que, tendo de começo dado um forte impulso á sciencia, levantou-lhe em breve novas peias pelo limitadissimo numero de leis que reconhecia.

Ao movimento produzido pela tentativa da synthese objectiva de Descartes, juntava-se e mesmo contrapunha-se de algum modo a influencia de Bacon, que partia do conhecimento previo da razão para o estudo da natureza e da sciencia, considerando a philosophia como a coordenação dos factos observados e a sua applicação para o bem da humanidade, e a do seu discipulo Hobbes, que proseguindo no caminho traçado e julgando o mundo exterior como uma serie de movimentos repercutidos em nós e traduzidos pela sensação em imagens, deduziu d'esse systema uma logica, uma psychologia, uma moral e uma politica. Assim á philosophia natural veio disputar a primazia a philosophia moral, pouco a pouco desligada da theologia que Bacon e Hobbes não ousaram combater, mas puzeram de parte por inteiramente inutil para a explicação da natureza e do homem. N'esta dupla direcção, mais ou menos modificada pela indole ou pelo temperamento de cada philosopho, marchou a intelligencia humana nos campos abstractos da metaphysica, preparando e aggregando os elementos que haviam de ser aproveitados pela escola franceza do seculo xviii.

Na realidade não se pôde chamar escola a um núcleo, embora numeroso, de pensadores, collaborando n'uma obra commum, mas onde cada um dos quaes exponha doutrinas diferentes e mesmo oppostas desde o deismo accomodatício de Voltaire, e o sentimentalismo exagerado de Rousseau, até ao sensualismo de Condillac, discipulo de Locke, ao materialismo de d'Holbach e ao naturalismo de Diderot. Um pensamento, porém, superior a todas as divergencias de ideias philosophicas, une todos esses escriptores: é o reconhecimento da necessidade intellectual de reformar radicalmente as concepções philosophicas do mundo e do homem pela eliminação do sobrenatural, da vontade divina, emfim da theologia. A reforma intellectual envolvia forçosamente como uma consequencia logica e immediata a reforma dos costumes e das instituições sociaes. Portanto a feição critica tinha de ser a face predominante da philosophia franceza no seculo XVIII; a sua missão caracteristica e essencial consistia na demolição do passado, demolição que começara de um modo espontaneo, mas que ia terminar por uma forma revolucionaria.

A liberdade do pensamento proclamada pelos philosophos metaphysicos era o complemento indispensavel do livre exame limitadissimo que deu origem ao protestantismo. Era a ultima phase da evolução negativa. O seculo actual, sob este ponto de vista, não tem feito mais do que divulgar a critica arrojada dos demolidores do throno e do altar.

Os principaes representantes d'este negativismo critico, e sobretudo os mais populares e os que mais influiram na revolução intellectual, foram Voltaire e Rousseau, que mutuamente se completavam, apesar do odio que os separava e da incontestavel superioridade mental e moral do primeiro sobre o segundo. Eram ambos mais litteratos do que pensadores e philosophos, e d'este facto resultou provavelmente a sua acção mais directa e immediata sobre o espirito publico. Voltaire, acceitando Deus como uma entidade necessaria, apenas convencional, dirigia as suas baterias com uma razão inteiramente lucida contra os fundamentos da religião, dispondo os animos para receberem a nova doutrina dos philosophos. Rousseau, dotado de uma sensibilidade excepcional, digamos mesmo morbida, espirito fraco, não ousando afirmar de dia o que pensava de noite, dirigia todos os seus ataques contra as desigualdades sociaes, contra a soberania real, prégando a igualdade humana perante a natureza.

Superior a elles estava, porém, Diderot que como critico e demolidor tinha um plano mais vasto, mais completo, não se limitando a destruir a parte superficial, as exterioridades, indo pelo contrario até ao amago das questões, dissecando até á medulla,

tanto o catholicismo e as religiões em geral, como o poder temporal e as theorias do monarchismo. Voltaire e Rousseau, ambos reconheceram cabalmente a grandeza genial do seu contemporaneo. O primeiro estimava profundamente o seu bello espirito, e apesar de muito mais avançado em idade e de ter conquistado mais cedo uma reputação quasi universal estendia-lhe a mão como a um collega eminente. A proposito dos *Pensées philosophiques* escreveu-lhe Voltaire em 1749 estas palavras, que mostrando o apreço que lhe consagrava mostram tambem o deismo de um em face da sinceridade naturalista do outro: « Li com um prazer extremo o vosso livro que diz muito e que deixa perceber muito mais. Ha muito tempo que vos estimo tanto, quanto desprezo os barbaros estupidos que condemnam o que não entendam e os mãos que se juntam aos imbecis para proscrever o que os esclarece.

« Mas confesso-vos que não sou inteiramente da opinião de Sanderson, que nega um Deus, porque elle nasceu cego. Engano-me talvez, mas no seu lugar teria reconhecido um sér intelligentissimo, que me tinha dado tantos supplementos da vista; e percebendo, pelo pensamento, relações infinitas entre todas as cousas, teria supposto um obreiro infinitamente habil. É grande impertinencia pretender adivinhar o que elle é e por que fez tudo o que existe; mas parece-me tambem grande ousadia negar que elle exista. Desejo apaixonadamente conversar comvosco, quer penseis ser uma de suas obras, quer penseis ser uma porção necessariamente organizada de uma materia eterna e necessaria. Qualquer cousa que sejaes, vós sois uma parte muito estimavel d'esse grande todo que eu não conheço. Queria bem obter de vós, antes da minha partida para Lunéville, a honra de uma refeição philosophica em minha casa com alguns homens illustrados. Não tenho a honra de o ser, mas consagro uma grande paixão aos que o são da maneira como vós o sois. » ¹

Vinte e quatro annos mais tarde, ainda o *velho enfermo de Ferney* se dirigia por esta fórma ao notavel philosopho: « Tive uma surpresa agradabilissima ao receber uma carta assignada por Diderot, quando regressava de uma margem do Styx á outra. Imaginai qual seria a alegria de um velho soldado coberto de feridas se M. de Turenne lhe escrevesse. A natureza permittiu-me passar ainda

¹ *Œuvres complètes*, vol. XXXIII, *corresp. gén.* CXLVIII.

algun tempo n'este mundo, isto é, um segundo entre o que se chama duas eternidades, como se fosse possível haver duas.

«Vegetarei, pois, ao pé dos Alpes ainda um instante na fluente do tempo que tudo absorve. A minha faculdade intelligente desaparecerá como um sonho, mas com o pezar de ter vivido sem vos vêr.» E ao terminar a carta ainda accrescenta: «Acreditai que eu morrerei olhando-vos como um homem que teve a coragem de ser util a ingratos e que merece os elogios de todos os homens illustrados. Amo-vos, estimo-vos, como se eu fosse um homem illustrado.»¹

Rousseau não o estimava menos; chegou a ter por elle uma adoração cega, mas a seu modo. As susceptibilidades excessivas de seu organismo faziam-no insupportavel para os amigos como para os inimigos; portanto as queixas e as lamurias interminaveis não pouparam o proprio Diderot, o seu *Aristarco severo e judicioso*, como elle lhe chama no prefacio da *Lettre à M. d'Alembert*, quando se lamenta de ter perdido a sua amisade porque «elle lhe faz ainda muito mais falta ao seu coração do que aos seus escriptos.»²

Na realidade Diderot sobresaía entre os seus mais illustres contemporaneos, porque ao ponto de vista demolidor juntava um criterio seguro que applicava como nenhum outro ao processo da reconstrucção. Era cedo para poder levar a termo com inteira felicidade a nova concepção do universo, mas o tentar realis-o com os elementos de que dispunha já é muito, é mesmo a maxima altura a que podia subir um philosopho no seculo passado, quando a chimica apenas acaba de se constituir em sciencia, quando se estava formando a historia natural e ainda não tinham surgido Bichat e Blainville para constituirem a biologia, e quando emfim Vico, Montesquieu e Voltaire apenas haviam presentindo que os phenomenos sociaes estão sujeitos a leis como todos os outros, e que mais tarde deveriam formar uma nova sciencia — a Sociologia.

Essa enorme synthese scientifica, embora prematura, encontrou a sua realisação, completa tanto quanto o permittiam os conhecimentos e o desenvolvimento intellectual da época, no monumento litterario do seculo XVIII, chamado *A Encyclopedia* e do qual Diderot foi o creador e o principal sustentaculo. Nenhum dos grandes vultos d'esse famoso periodo das letras francezas deixou de contribuir com uma collaboração mais ou menos activa, mais ou menos séria, mais ou menos valiosa para que o pensamento e o pla-

¹ *OEuvres de J. J. Rousseau*, vol. x, p. 472 (ed. de 1823).

² *Ibidem*, vol. xxxviii, idem, ccccxviii.

ao illustre fundador se tornasse uma realidade. Em volta de Diderot agruparam-se, além dos grandes demolidores a que já nos referimos Voltaire e Rousseau, outros espiritos de quilate não inferior como D'Alembert, o notavel geometra; D'Holbach, o auctor do *Système de la nature*; Condillac, o philosopho sensualista, o discipulo de Locke, apresentado ao fundador da *Encyclopedie* por Rousseau; Helvetius, que escreveu um livro de merito, apesar da doutrina erronea que defendia, o *Esprit*; Buffon, o auctor da *Histoire naturelle*; La Mettrie, um sabio por longo tempo desacreditado e a quem se começa a fazer justiça, auctor do *Homme Machine*, do *Homme Plante*; George Leroy, o auctor das admiraveis *Lettres sur les animaux*; Turgot, Cabanis, Volney, Destutt de Tracy, Condorcet e tantos outros que é desnecessario citar. O periodo, em que se levou a cabo uma obra tão colossal e de tanto alcance para os progressos intellectuaes, moraes e sociaes da humanidade, era no emtanto essencialmente hostile a tudo quanto podesse esclarecer e ensinar, e d'ahi resultaram com effeito grandes e sérios embarcos, que só a boa vontade e a energia de Diderot conseguiram vencer. Em muitos pontos, apesar da audacia e da franqueza rude do philosopho, não houve remedio senão transigir um pouco com as imposições do absolutismo, e não porque elle proprio recuasse mesmo deante da posição mais arrojada, mas porque os seus collaboradores não se podendo equiparar a elle em talento, tambem não o igualavam em valor e firmeza de character.

Uma carta de Voltaire a Diderot descreve-nos esta necessidade de transigir com as ideias e os preconceitos da época. «Vós não duvidaes, escrevê elle, da honra e do prazer que sinto ao collocar algumas vezes um ou dois tijolos na vossa grande pyramide. Pena é, que em tudo o que diz respeito á metaphysica e mesmo á historia, não se possa dizer a verdade. Os artigos que deviam esclarecer mais os homens são precisamente aquelles em que se redobra o erro e a ignorancia do publico. Somos obrigados a mentir e ainda nos perseguem por não termos mentido bastante. Emquanto a mim, disse tão insolentemente a verdade nos artigos *Historia*, *Idolatria* e *Imaginação* que vos peço para que os não deis a exame debaixo do meu nome. Poderão passar, se não se nomeia o auctor; e se passam tanto melhor para o pequeno numero de leitores que amam a verdade.»¹

¹ *Œuvres complètes*, vol. xxxiv, corr. gén. ccv.

N'outra carta escripta cinco mezes depois (16 de novembro de 1758) escreve ainda sobre o mesmo assumpto: «Espero com impaciencia o novo tomo da vossa *Encyclopedie*: interesse-me mui vivamente por esta grande obra e por seu auctor; vós ereis digno de ser melhor secundado. Eu terei a ousadia de querer que o artigo *Idolatria* seja meu, se elle passou; e desejava que outros artigos importantes fossem escriptos com a mesma paixão pela verdade. Indignamo-nos, n'outro dia, na palavra *Infimo*, ao lér que Moysés falla d'elle, uma falsidade tão evidente que revolta. Vinte artigos de metaphysica, e em particular o da *Alma*, são tratados de uma maneira que deve desagradar ao vosso coração sincero e ao vosso espirito justo. Creio que não permittireis mais artigos como os de *Mulher*, de *Fatuo*, etc., nem tantas declamações vãs, nem tantas puerilidades e logares communs sem principios, sem definições, sem instrucções. Julgae, pela minha franqueza, do interesse que me inspirou a vossa grande empreza.»¹ Estes defeitos rotados por Voltaire na *Encyclopedie* são devidos mesmo em grande parte á grandeza colossal da obra, mas os principaes, os mais fundamentaes, derivam necessariamente do meio social em que foi concebida e realisada.

No entanto, na *Encyclopedie* encontra-se a summula de todos os conhecimentos positivos quer theoreticos, quer praticos, do seculo XVIII e bem assim toda a ordem de doutrinas metaphysicas e criticistas que comprehende a historia da philosophia no periodo que se estende de Descartes a Augusto Comte. Diderot, espirito verdadeiramente lucido, tendo tomado sobre si a direcção d'uma empreza difficil e arrojada, procurou tanto quanto possivel subordinal-a a um ponto de vista geral. Porém, a variedade de concepções metaphysicas que separavam entre si os Encyclopedistas, como acima notámos, e o numero crescido d'estes, obstou a que o pensamento de Diderot fosse executado com a desejada precisão. Em todo o caso, a *Encyclopedie* é o maior monumento litterario do seculo XVIII que honra a França e principalmente o homem superior que lançou hombros a uma construcção tão grandiosa. Foi ella que preparou intellectualmente a gloriosa Revolução de 1789, d'onde sahio poucos annos depois a primeira tentativa da reforma dos estudos hierarchicamente coordenados, e que serviu de preparatorio indispensavel para o enorme desenvolvimento mental que havia de ter por consequencia no segundo quartel do nosso seculo a classificação definitiva dos conhecimentos humanos, como elemento funda-

¹ Ibidem, idem CCXXIII.

mental de uma nova philosophia, completamente positiva e scientifica.

As doutrinas philosophicas em voga entre os Encyclopedistas, desde o sensualismo até ao materialismo, incluindo mesmo o sentimentalismo deista do auctor do *Emilio* representam no seu conjunto a passagem da concepção mathematica e physica do universo para a nova concepção, real e positivista; Descartes estendia as leis mechanicas e geometricas a toda a ordem de phenomenos, abandonando á theologia o homem moral e social; pelo contrario Augusto Comte, depois de coordenar os conhecimentos humanos, submetteu-os ao criterio superior da sociologia e da moral. A phase de transição entre um e outro é representada pela *Encyclopedia* e nomeadamente por Diderot que deu a preferencia ao ponto de vista naturalista, isto é, ao criterio biologico que começou a desenvolver-se para se constituir em sciencia. As theorias sensualistas de Locke, de Cabanis e de Condillac, as dissertações de La Mettrie e de G. Leroy, o scepticismo de Heyne, até mesmo as tentativas de regresso á natureza primordial de Jean Jacques Rousseau, podem todas concentrar-se, conjunctamente com os estudos concretos de historia natural de Buffon, Linneu, Jussieu, de Candolle, ao redor dos phenomenos sobre os quaes o grande Bichat havia de fundar as bases da sciencia biologica.

A superioridade de Diderot manifesta-se na orientação constructiva do seu espirito; não só, sob o ponto de vista negativo, era superior aos demolidores incompletos como Voltaire e Rousseau pela unidade de plano, como ia muito além d'elles e da maioria dos seus contemporaneos, porque com o seu instincto penetrante descobria o caminho por onde seguia a humanidade. Diderot foi incontestavelmente o mais distincto precursor das grandes escolas philosophicas e litterarias do nosso seculo, desde o materialismo e o naturalismo que predominam na França actual tanto na sciencia como na arte, tanto na philosophia como no romance, até ao transformismo e evolucionismo, que conquistam hoje os espiritos mais brilhantes de todos os paizes, e emfim ao positivismo que com o seu rigor methodologico não concede fóros de verdade a hypotheses aceitaveis e racionaveis, mas impossiveis de soffrer qualquer demonstração real. Augusto Comte, com o seu perfeito criterio, reconheceu a importancia singular da philosophia naturalista do seculo XVIII. « Desde que a reconstrução está na ordem do dia, escreve elle, a attenção publica volta-se de cada vez mais para a grande e universal escola de Diderot e Hume, a qual caracterisará realmente o seculo XVIII, ligando-o ao precedente por Fontenelle e ao seguinte por Condorcet. Emancipados igualmente em religião e em politica, estes potentes pensadores tendiam necessariamente

para uma reorganisação total e directa, por mais confusa que fosse então a sua noção. Todos se ligariam hoje á unica doutrina que, fundando o futuro sobre o passado, lança emfim as bases inabalaveis da regeneração occidental. É de uma tal escola que sempre me honrarei de descender immediatamente pelo meu precursor essencial, o eminente Condorcet. »¹ Assim Augusto Comte estabelece de um modo preciso a derivação immediata da philosophia positiva da escola philosophica do grande Diderot.

Na realidade, este, talvez o espirito mais encyclopedico que o mundo tem conhecido, presidindo ao espantoso desenvolvimento naturalista do seculo passado, impulsionava quer pelos seus escritos, quer pelos seus conselhos, as duas correntes, uma essencialmente sociologica e outra principalmente moral que traziam a intelligencia humana ás soluções scientificas do positivismo, a primeira guiada por Turgot e Condorcet e a segunda por Hume e sobretudo pelo proprio Diderot. A sua acção philosophica reflectiu-se nas obras-primas dos Encyclopedistas e mostra-se a toda a altura do seu merecimento nos seus proprios trabalhos, em especial nos *Pensamentos acerca da interpretação da Natureza*, nas *Cartas sobre os cegos para uso dos que vêem e sobre os surdos e mudos para uso dos que ouvem e fallam* e no *Tratado acerca do bello*. O ideal de Diderot consistia na reorganisação da sociedade sem Deus e sem rei, como mais tarde o veio proclamar o positivismo. O criterio superior e justo que o dirigia dava-lhe um lugar proeminente entre os benemeritos da humanidade, como o representante mais perfeito e mais sympathico das doutrinas philosophicas do seculo XVIII.²

TEIXEIRA BASTOS.

¹ *Catéchisme positiviste*, prefac. p. 8 (2.^a ed. 1874).

² Na *Revue Occidentale*, M. Paul Foucart está publicando um magnifico estudo sobre *Diderot et son siècle* que satisfaz plenamente a todos estes requisitos.

HISTORIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

A Universidade e o espirito secular da instrucção humanista

§. 2. — O humanismo italiano precede a reforma da Universidade por el-rei D. Manuel

O conflicto entre o poder papal e o poder real no ensino publico europeu revela-se, além do interesse das dotações e do espirito da doutrina pedagogica, na propria organização economica escolar. Existe uma distincção radical entre os titulos de *Estudo geral* e de *Universidade* empregados ambos simultaneamente nos documentos historicos; a designação de *Universidade* era mais sympathica aos papas, e a de *Estudo geral* accentua-se de preferencia nos documentos officiaes da realza. Victor Leclerc, descrevendo algumas phases d'este conflicto escreve: «Clemente v havia empregado, além da palavra *Estudo geral* a de *Universidade*; o rei (sc. Philippe o Bello) não reconhecia senão o primeiro titulo. Uma bulla de João xxii, tambem discipulo da mesma escóla (de Paris) persiste, em 1320, a chamar-lhe *Universidade*; as ordenanças continuam a prevalecer sobre as Bullas; etc.»¹ Nos primeiros estatutos do rei D. Diniz, diz-se que inaugura o *Estudo geral* na *Universidade* que trasladára para Coimbra; no preambulo da reforma d'el-rei Dom Manuel, diz-se: que «os illustrissimos reis de Portugal fundaram um *Estudo geral* n'esta cidade de Lisboa e o dotaram de rendas,» e em seguida confunde os dois termos sobre a collocação de «dito Es-

¹ *État des Lettres au XIV^e siècle*, t. 1. p. 278.

*tudo e Universidade» em Lisboa. Esta confusão corresponde effectivamente ao facto que se deu em Portugal, em que o ensino superior ficou sob a influencia exclusivamente clerical emquanto ás disciplinas litterarias, e em que a administração pertenceu indiscutivelmente ao centralismo monarchico. A Igreja comprehendeu que o desenvolvimento extraordinario das Universidades significava a manifestação de uma nova fórma do poder espiritual que se fundava na Europa, e por isso tratou de apoderar-se d'essas novas instituições. O poder real, pelo ensino do direito romano nas Universidades, via que era esse o meio de alargar o seu poder temporal, creando uma legislação superior aos privilegios senhoriaes e ecclesiasticos, e tornando-se o centro de toda a esphera civil. Cada um d'esses dois poderes via o problema pelo seu lado particular, vindo a ficar as Universidades verdadeiramente atrazadas, debatendo-se em questões inuteis, emquanto se ia creando um estudo scientifico na Europa, depois da Renascença, e pela acção desprotegida de certas individualidades iniciadoras. É principalmente no seculo xvi, que se dá nas Universidades o conflicto doutrinario do espirito clerical e secular; no seculo xv o conflicto entre o poder papal e real versa quasi sempre sobre prerogativas e intervenção economica. Em Portugal o proprio monarcha Dom Affonso v entrega a Universidade de Lisboa á administração do bispo Dom Rodrigo de Noronha, nomeando-o *Protector e Governador do Estudo d'esta cidade de Lisboa*: «tenho por bem e me praz e lhe dou daquy em diante que elle tenha carrego de Governador e Protector por mym do *Estudo* e Universidade de minha Cidade de Lisboa, com poder de dar Officios e Cadeiras e fazer todallas outras cousas geraes e speciaes acerca dello asy como eu mesmo o ffaria se por mym regesse e governasse.»¹*

Nos documentos da Universidade de Coimbra ha referencias a mais de que um *Reitor* ao mesmo tempo, e á differença entre o Reitor e o Cancellario. Este facto não comprehendido pelos investigadores, como Figueirôa, explica-se pelo duplo espirito *secular*, que elegia o Reitor, e *clerical*, que se representava pelo Cancellario, e pelo privilegio dos Bispos conferirem os grãos academicos. Victor Leclerc accentua este antagonismo na Universidade de Paris, o typo fundamental de todas as Universidades da Europa: «Os reis, que a principio não lhe tinham concedido senão um apoio duvidoso e percario, desde que perceberam que força havia para elles n'esta

¹ 23 de Agosto de 1476. Ap. *Provas da Hist. geneal.*, t. II, p. 13.

associação nova, tornaram-se os seus amigos declarados, emquanto que os papas, seus primeiros e mais ardentes promotores não tardaram a ter medo d'ella, a affastarem-se, a combatel-a, até que, mesmo nos ultimos momentos da sua existencia, o Cancellario da Igreja de Paris, encarregado, como representante da auctoridade pontificia, de instituir os licenciados da grande Escóla, e da qual as pretensões iam até a reclamar ali uma especie de presidencia perpetua, não cessou de a perseguir como inimigo já que não a podia guerrear como mestre.»¹ Na Universidade de Lisboa, preponderou o espirito clerical, por isso que elle invadira o poder temporal; mas ainda assim os principaes Estatutos como os de Dom Manuel e as reformas de Dom João III fizeram-se já sem a dependencia do Papa, ao passo que a Universidade de Paris só chegou a ser reformada por exclusiva auctoridade real depois de 1600.²

A introdução da faculdade de Theologia na Universidade, que d'antes estava nos mosteiros, envolveu-a nas querellas religiosas que já estavam quasi extinctas na Europa; tal foi a adhesão dada pela nossa Universidade ao dogma da Conceição em 1503. No fim do seculo XIV, os frades Dominicanos eram impugnadores acérrimos do dogma da immaculada Conceição, e os Franciscanos sustentavam-no com o mais exaltado fervor. A universidade de Paris declarou-se pela opinião dos Franciscanos, em 1387, condemnando os Dominicanos e inhibindo-os de grãos durante dezeseite annos. É de crér que os lentes estrangeiros trouxeram para Portugal estas querellas, vindo em 1503 a adoptar-se na Universidade de Lisboa o dogma da Conceição, propagando-se á Universidade de Salamanca, que o impunha com juramento na occasião da matricula desde 1618, sendo por fim decretado por Dom João IV, em 17 de janeiro de 1646, cumprindo-se ainda hoje na matricula essa praxe idiotica.

Entre os grandes doutores da Edade média que proclamaram o dogma da Conceição figura como o mais eminente o celebre catalão Raymundo Lullo, cujas doutrinas eram correntes no seculo XV em Portugal. As luctas e perseguições que lhe moveram os Dominicanos provieram d'estas affirmações immaculatistas, que os Jesuitas, em odio contra os Dominicanos retomaram, impondo-as á Universidade de Coimbra, como se vê pelo documento de Dom João IV. A Universidade de Coimbra creára-se sob a dependencia das ordens *Dominicana* e *Franciscana* emquanto ao ensino das sagradas lettras;

¹ *État des Lettres au XIV siècle*, t. 1, p. 262.

² *Ib.*, p. 278.

as luctas entre estas duas ordens localisaram-se no dogma da Conceição, sustentado absurdamente pelos Franciscanos e impugnado com fervor pelos Dominicanos. A lucta continuou nas doutrinas theoricas sob o titulo de *Thomistas* e *Scottistas*, em que se dividia a velha dialectica dos Nominalistas e dos Realistas, que embarçaram o desenvolvimento scientifico iniciado por Rogerio Bacon e por Arnaldo de Villa Nova. É natural que cada um d'estes grupos seguisse a bandeira do seu coryphee, os dominicanos as doutrinas de S. Thomaz, e os franciscanos as de Duns Scott. Gil Vicente ridicularisou toda esta velha erudição medieval, que se perpetuava na Universidade, quando a Italia iniciava o renascimento das litteraturas classicas :

No quiero deciros especulaciones
De Santo Agostin *De Civitate et cetra*,
No quiero de *Scoto* alegar ni letra,
No quiero disputas en *predicaciones*.¹

No *Auto da Mofina Mendes*, Gil Vicente ridiculisa todo o velho aristotelismo representado pelos padres da Egreja :

Vicentius, — *Scala caeli*,
Magister Sententiarum,
Demosthenes, Calistrato,
Todos estes concertaram
Com *Scoto*, livro quatro.
Dizem : Não vos enganeis
Letrados de rio torto,
Que o porvir não no sabeis,
E quem nisso quer pôr péis,
Tem cabeça de minhoto.
Ó bruto animal da terra,
Ó terra filha do barro,
Como sabes tu, bebarro,
Quando hade tremer a terra,
Que espantas os bois e o carro ?
Pelos quaes *dixit* Anselmus,
E Seneca — *Vandaliarum*,
E Plinius — *Choronicarum*,
Et tamen glosa ordinaria.
E Alexander — *de aliis*,
Aristoteles — *De Secreta secretarum*.
Albertus Magnus,
Tullius Ciceronis,
Ricardus, Ilarius, Remigius,

¹ Gil Vicente, *Obras*, III, 337.

Dizem, convem a saber :
 Se tens prenhe tua mulher
 E per ti o composeste,
 Queria de ti entender
 Em que hora hade nascer,
 Ou que feições hade ter
 Esse filho que fizeste.

Não no sabes ; quanto mais
 Commetterdes falsa guerra,
 Presumindo que alcançais
 Os secretos divinaes
 Que estão debaixo da terra.
 Pelo que diz Quintus Curtius,
 Beda — *De religione christiane*,
 Thomaz — *Super trinitas alternati*,
 Augustinus — *De angelorum choris*,
 Hieronimus — *alphabetus hebraice*,
 Bernardus — *De virgo ascentionis*,
 Remigijs — *De dignitate sacerdotum* ;
 Estes dizem juntamente
 Nos livros aqui allegados :
 Se filhos haver não podes
 Nem filhas por teus peccados,
 Cria d'esses engeitados
 Filhos de clérigos pobres.

A Renascença classica, cujo maior fervor se concentrou na Italia, no seculo xv, reagiu contra as tradições da Edade media, desprezando-as como barbaras em comparação das obras primas da Grecia e Roma. Esse desprezo da Edade media reflectiu-se em todas as manifestações do espirito, do sentimento e da actividade ; a architectura das cathedraes, foi chamada gothica, pelo desprezo a que era votada diante das ordens gregas ; as farças populares ficaram esquecidas pela imitação das tragedias de Seneca e das comedias de Terencio ; a historia dos differentes estados e os livros philosophicos eram especialmente redigidos em latim ; a poesia dos trovadores e as canções de Gesta ou epicas eram substituidas por imitações das odes de Horacio e da *Eneida* de Virgilio. Luiz Vives, no seu livro *De Institutione de Fœminæ christiane*, condemna as principaes obras da litteratura da Edade media, o *Amadis de Gaula*, *Tristan de Leonis*, *Flores e Brancaflor*, *Lançarote do Lago*, as *Cem Novellas* de Boccaccio. O proprio Dante, já no seculo xiii estivera para escrever a *Divina Comedia* em latim ; e Petrarcha receiava pela sua immortalidade não escrevendo em latim. O lado vicioso do humanismo das duas Renascenças foi o ter estabelecido a solução de continuidade entre a sociedade moderna e a Edade media. O ensino tornou-se sem base natural e nacional ; converteu-se o saber em uma erudição *livresca*, e as manifestações artisticas do sen-

timento amesquinham-se na imitação servil do classicismo. Na parte especulativa, propagavam-se auctoritariamente as doutrinas de Aristoteles, esterilizando-as pelo excesso de immobildade canonica; na vida civil copiavam-se os codigos romanos da dissolução imperial contra os fóros ou leis locais. Os mestres impunham a auctoridade do passado, e os historiadores procuravam as origens de cada estado nos heroes foragidos de Troya, ou nas guarnições romanas da época da conquista. As linguas nacionaes eram abandonadas nas escolas para os alumnos fallarem entre si grego e latim, e representarem nos seus divertimentos escolares comedias de Aristophanes e de Plauto. O desprezo pela Edade media perturbou a marcha da intelligencia européa, que procurava um methodo no negativismo de Sanches, nos esforços de Bacon e de Descartes, sem conhecer que o mal provinha d'esta falta de solidariedade com o passado. Os Jesuitas apropriaram-se da tradição humanista e propagaram-na até hoje com a mesma inintelligencia com que a receberam no meado do seculo xvi.

É curiosa a situação das intelligencias em Portugal no seculo xv; a admiração pela antiguidade classica vae-se impondo á predilecção das da Edade media. A Bibliotheca de el-rei Dom Duarte manifesta esta dupla influencia, juntando a par dos poemas dos cyclos epicos da Tavola Redonda e Greco-romano, as obras de Cicero e Tito Livio. A lingua nacional, tão admiravelmente empregada por Fernão Lopes nas suas Chronicas, é substituida pelo latim, sendo chamado Matheus Pisano para redigir n'essa lingua a historia da tomada de Ceuta. No Cancioneiro de Resende começam a apparecer as referencias aos nomes da mythologia greco-romana, como um novo effeito poetico; os neologismos gregos e latinos introduzem-se aos centenas por meio das traducções do infante Dom Pedro; o rei Dom Duarte ensina as regras para fazer uma boa versão latina, e o chronista Gomes Eanes de Azurara, alardeando uma abundante erudição de escriptores classicos, imita as redundancias e construcções figuradas de Tito Livio. É n'este momento historico que o ensino appresenta pela primeira vez em Portugal uma *bifurcação*, destacando-se o que pertence aos clérigos e bachareis, do que pertence ao aperfeiçoamento secular da nobreza. Para a Edade media, a cultura litteraria era uma superioridade, que aproximava a classe popular da nobreza; este sentido social apparece no titulo honorifico de *Bachelor*, que se escrevia tambem *Bachelor*, forma abreviada de *Bas chevalier*. Ainda nos anexins portuguezes se equiparam as duas classes sociaes no anexim: «Ou armas ou lettras.» No seculo xv vemos esta bifurcação estabelecer-se de um modo claro; no Requerimento das Côrtes a respeito da instrucção da Nobreza, pede-se: «Que aprendam grammatica, jogos de espada d'ambas as mãos, dansar e bai-

lar, e todas outras boas manhas, etc.» ¹ Na Edade media já se distinguia as duas fórmas de educação — a que se dava aos clerigos, e a que constava de exercicios corporaes peculiar dos jovens fidalgos. ² Em Portugal satisfiz-se estas duas necessidades por meio dos Collegios para os *estudantes pobres*, como o do dr. Mangancha, e mandando frequentar as escôlas de Italia aos filhos da nobreza, como vemos pelas cartas de Angelo Policiano dando conta dos estudos dos filhos do chancellor João Teixeira.

Para que se conheça perfeitamente a organização de um Collegio de estudantes pobres, transcrevemos em seguida as principaes disposições do testamento do dr. Mangancha, datado de 1448: «declaro que Brranqua Annes em seu testamento me leixou seus beens, com condiçom que eu ffezesse ho que ella comigo ffallara: ho que ella commigo, e eu com ella ffallamos e acordamos asy he, que todos nossos beens ffossem estatuidos e hordenados pera *hum Collegio, ffeito nas nossas Cassas de morada da beira de Ssam Jorge, em nas quaes se recebessem dez Escolares proves de todo, e quatro servidores, sem numqua teer azemella, nem besta, avendo pela renda dos ditos beens duas tavolas ao dia, sem outra consooada, nem cama, nem all, que nom ffor veguilia, e quando a ffor, huma tavola, e a noyte consooada; e que os meus liuros se posesem em huma Livraria per cadeas, dentro das ditas cassas: e que todos os dias que nom lerem diga hum Capellam dos dez Missa na dicta Cappella, e todolos outros Escolares estem a ella e a offiçiem se ssouberem e horem por nossas almas... Porem eu asy ho mando, convem a saber, que nas dictas cassas se hordenem dez cameras, e em ellas se armem dez leitos de madeira, e dez estudos, affora a salla e cozinha e despensa e adega, e celeiro pera pam e azeite, e a cassa pera dormirem os servidores: a estrebaria se alugue: E hy sejam recebidos a primeira vez dez Escolares jaa Grammaticos, e passantes dez e seis annos; pero se forem Saçardotes, ainda que nom sejam Grammaticos, e aprendam Grammatica, recebam-nos por enliçom, sem ffrugito d'Oniversidade e de Maria Dias, sem Rey nem Arcebispo, nem outro poderoso: e d'esses dez seja hum Reitor do Collegio, e receba toda a renda per ho mordomo, e per ho escripvão, que seja houtro dos dez, e logo ho ffaçam ssaber aos oyto, que escrepvam tambem: a primeira vacaçom de cada mez dê conta a todos, e nas outras vezes ho Collegio enleja hum, e a Oniversi-*

¹ *Memorias de Litt.*, da Academia, t. II.

² H. André, *Nos Maîtres, hier*, p. 400.

dade outro, sempre alternando, e sem ffrugitos, e rogos, os quaes se se provarem a enliçom nom valha: e quando algum ouver de ser recebido primeiro traga a cama sua, em que ouver de dormir, e a leve quando se ffor; pero leixe a melhor peça que tiver pera ho Collegio: e se hy morrer, ho Collegio lhe ffaça a despessa da doensa e do enterramento, e aja pera si quanto hy tiver seu: e ainda ante que seja recebido jure cumprir sempre ordenações e boons costumes do Collegio, e sempre lhe seer ffavoravel, e proveitoso, a qualquer estado que venha, e que per sua morte leixe alguma coussa ao Collegio: E cada Escollar começante Gramatica, e per consequente nas outras Ciencias, possa estar dez annos e ho que ja ffor gramatico sete, e ho que leixa a Logica cinco, e mais nom: e se algum se lançar a ffolgar, sem continuar o estudo, á vista da Oniversidade e Collegio, seja lançado fora delle, sem nunca jamais tornar: e ho que ffor Doutor ou Mestre, ainda que seu tempo nom seja acabado, vase dy a cinco menses. Neste Collegio nunca possam seer recebidos ricos, barrigueiros, taffuys, bevedos, volteirus, guagos, nem doutros maos costumes, peitudos e de narizes tortos, bochechudos, que teem rossmaninhos nos rostos, ainda que sejam boons. Ho mantimento seja per esta guiza: no alqueire de pam se ffaçam vinte rações de poo de toda ffarinha, e nunca mais, e á messa se ponha a cada hum, quer seja moço, quer homem, huma raçom, e nunca mais, e ho que ssobegar a hums possam comer os outros, a quem minguar, nem guarde algum ho que lhe ssobegar: mas ho mordomo apanhe o derradeiro todo, e leve á dispensa, e semelhante sse ffaça do vinho, que a cada hum ponham em sua pinta, ffeita per esta medida, mea canada de vinho meado de agua: da pytança, asy carne, como pescado, a despessa se ffaça per tal guissa, que nunca pase vinte reis cada dia, e se reparta per higual a grande, e a pequeno, Escolar e servidor. Ho assentamento da messa seja como cada hum vier, ssalvo que o Reitor tenha sempre a cabeçeira, e diguase oraçom hordenada á entrada, e ssayda, com commemoraçam de nossas allmas: e ho Collegio proveeraa de messas, banquos, cadeiras, mantees, pratees, escudellas, ssalvynhas, talhas, e panellas, espetos, grrelhas, cuitelos de cozinha, e todos outros atavios communs. Os Servidores ssom estes, hum que seja Moordomo, e tenha as chaves dadega, e pam, e vinho, e carne, e lenha, e de todas as outras coussas, as quaes proveera per mandado do Reitor aos do Collegio, e alhur nunca, recebendo-as, e distribuindo-as per escripto; Outro servidor seja o Comprador e Cozinheiro; Outro levador, acarregador da agua, e varredor, e levador das çuguidades á ribeira comuys, e particulares: e estes tomem per ssoldada, pero se alguns quizerem bem servir per trez annos, ssem ssoldada, possam di endiante ser espeii-

tantes na primeira vaga de Scollar, se nelles cabee, como nisso dicto he. E outros espeitantes nunca possam seer feitos per Papaa, nem Rey, nem Oniversidade, nem Collegio, nem per outra qualquer guisa que seja. Quando contenderem os de meu divido, ou os de Brranqua Annes, ou os de Maria Diaz, minha segunda molher, com outros, estes precedam, e antre sy estem a emliçon, sse nelles cabe, como dicto he. Pero Rui de Valdees, meu filho natural, possa ser no dicto Collegio, com seu Ayoo, aambos em huma Camara, sete annos, recebendo ambos raçom do dicto Collegio, e Camaa, e candeas, e de suas moradeas, e beens, se vestam e calçem etc., e o al se lhe ponha em depoyto, e com esses dous nom pasem dez Escolares. E todo o que ssobegar cada anno das rendas deste Collegio se ponha em depoyto per escripto, per rrepartimento das cassas, e guarnimento dellas, e das possissoees e cassas dellas, e se tanto creçer o depoyto do Collegio, pera comprar possyssoes, e acreçentar Escolares. Os Reitores da Oniversidade possam tomar a conta ao Collegio, e constringeer o Reitor delle, que comprem bem, e fulmine as possissoees, e acreçente nos Escolares, como susso dicto he.» etc. ¹

As Faculdades das Artes, como o affirma Hamilton, o celebre professor de Logica da Universidade de Edimbourg, foram a base primeira das antigas universidades da Europa; ² desde porém, que as Universidades subsistiram por uma vida propria, as Faculdades das Artes ou se destacaram constituindo o ensino elementar, ou se tornaram subalternas das universidades sob o nome de Collegios. Hamilton descreve esta instituição pedagogica, de modo que nos ajuda a comprehender o caso do Collegio do Dr. Mangancha: « O estabelecimento dos *Collegios* foi determinado, nas mais antigas Universidades, pela aglomeração excessiva de estudantes que ahi affluam de todas as partes da Europa. Esta affluencia era grande sobretudo em Paris, em Bolonha, em Palermo durante os seculos XII e XIII. Ella occasionou n'esta cidade a raridade das habitações, e consequentemente o augmento dos alugueres. Os estudantes pobres, e d'estes era o grande numero, achavam-se na mais triste situação. Pessoas caridosas querendo pôr cõbro a este grande inconveniente, não acharam outro meio senão arranjar casas para agasalhar um certo numero de estudantes durante o tempo dos seus estudos, e preser-

¹ Ap. *Diss. chronologicas* de J. Pedro Ribeiro, t. II, p. 252. Doc. n.º XVI. Com data de 4 de janeiro de 1448.

² *Fragments de Philosophie*, trad. de Peine, p. 274.

val-os assim tambem do contacto dos costumes corruptos do tempo dando-lhes inspectores. Estes primeiros estabelecimentos foram imitados dos hospicios (*Hospitia*) que as ordens religiosas conservavam nas cidades de Universidade, para os seus membros que ali residiam como mestres ou como escholares. Juntou-se depois á moradia o sustento. Com a inspecção moral, havia tambem uma disciplina litteraria, mas sempre subordinada aos estudos publicos. Os membros d'estas pobres commuidades ali achavam livros, que não podiam então ser adquiridos a não ser pelos ricos.

« Foi d'estes primeiros estabelecimentos que sabiram os Collegios annexos ás diversas Universidades da Europa. Em Paris adquiriram depressa uma alta importancia. Os seus regentes eram algumas vezes nomeados, sempre subordinados e dirigidos, e exclusivamente destituídos pela Faculdade a que pertenciam. As lições dos Collegios foram muitas vezes assemelhadas ás que se davam nas escholas publicas da Universidade; formavam tambem outras tantas pequenas Universidades ou fragmentos de Universidade. Foi no curso do seculo xv que se operou em Paris esta união intima dos Collegios e da Universidade. As grandes Faculdades de Theologia e das Artes tornaram-se exclusivamente collegiaes, e a faculdade de Theologia de Paris acabou por se absorver inteiramente na Sorbonna. »¹

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

¹ Hamilton, *op. cit.*, p. 277.

ORADORES SAGRADOS DO BRAZIL

POESIA RELIGIOSA E PATRIOTICA

(Continuação)

Como prova citaremos o seu celebradissimo exordio no sermão de São Pedro de Alcantara, prégado a rogos do imperador. — A peça não é má, não é corriqueira ; mas, em rigor, nada encerra de admiravel. O que n'este encomiado exordio é geral é uma imitação do discurso sobre a Biblia de Donoso Cortez, e o mais que se refere ao orador são phrases de um orgulho vulgar :

« Já não é dado ignorar a causa d'este impeto divino que arremessou atravez de mil oradores esses homens escolhidos para mudar a face da terra. É inutil fingir desconhecer a origem d'essas façanhas singulares, de que justamente se ensoberbece a bella filha do céo. Expições cruentas preludiavam esta regeneração, que os seculos esperavam com extrema anciedade. Holocaustos espontaneos ensaiavam esta renuncia de si mesmo, estas quebras do egoismo, a que estava ligada a purificação da especie humana ; mas todos esses rasgos de dedicação, todos esses brios da magnanimidade ficaram muito longe das provas a que eram chamados os representantes do novo progresso racional.

« Repellidos por tantos revezes, desanimados com tantas derrotas os mais experimentados contendores cederam a arena, que elles haviam coberto de ruínas.

« Convinham outros meios, eram mister empenhos de outra ordem. — Louros ainda não estimados, uma aureola de que ainda não havia noticia, premios ainda não concedidos podiam só reanimar a constancia d'esses mantenedores que deviam achar-se a braços com

todas as difficuldades, vencer todos os obstaculos, dominar todos os preconceitos, e desfazer todos os prejuizos. — Só um diadema em que se prendia a immortalidade com todos os seus fulgores e toda a magia d'uma felicidade interminavel, era digna de compensar tantos suores e coroar tantas fadigas. Todos os annaes deram conhecimento d'este abalo com que o mundo foi sacudido, e pôz em desuso as idéas recebidas. As agapes dos confessores condemnavam esses festins marcados com o estigma da atrocidade, e com os excessos da intemperança; batalhões de virgens mandadas á morte por conservar sua pureza cobriam de confusão essas mulheres, que não tinham pejo de assistir em completa nudez ás ceias voluptuosas de Tigelino nas alamedas de seus jardins illuminados; e a matança do lago Fucino para satisfazer os caprichos d'um despota que recebia os ultimos emboras da magestade do Povo-Rei, era contrastada por esses milhões de homens amontoados nos amphitheatros, consumidos nas fogueiras, e despedaçados nos cavalletes afim de justificar que a hora da salvação tinha chegado, e que a humanidade estava regenerada. Cada seculo apresentava peripecias ainda não apreciadas. As flagellações realisavam as scenas do martyrio; a penitencia vinha sentar-se no logar das perseguições, e as virtudes pacificas substituiam os surtos da heroidade. Um só homem recopilou todos esses meritos, e obteve as mais ardentes ovações. Os arroubos da abnegação evangelica, o espirito de reforma, a ostentação da omnipotencia divina bastam para dál-o a conhecer. Os anjos o chamaram Pedro — o logar do seu nascimento acrescentou-lhe o appellido de Alcantara. . . — Não, não poderei terminar o quadro, que acabei de bosquejar: compelido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extincta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do santuario, e eu mesmo pareço estranho áquelles que me escutam, como desempenhar esse passado tão fertil de reminiscencias; como reproduzir esses transportes, esse enlévo com que realcei as festas da religião e da patria? *É tarde, é muito tarde!* Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho n'este pulpito, que ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos, e cujos degraus descí só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, baticos da tribulação, devorados de pezares, não ouvindo mais os echos repetirem as strophes dos seus cantos nas quebradas das suas montanhas pittorescas; não escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia dos seus hymnos, penduravam seus

alaudes nos salgueiros que bordavam o rio da escravidão ; e quando os homens que deleitavam-se com o perfume de seu estylo e a belleza de suas imagens, vinham pedir-lhes a repetição d'essas epopéas, em que perpetuavam a memoria de seus antepassados, e as maravilhas do Todo-Poderoso, elles cobriam suas faces humedecidas do pranto, e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao vento da tempestade. — Religião divina, mysteriosa e encantadora, tu que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquencia ; tu, a quem devo todas as minhas inspirações ; tu, minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa... Se dos espinhos que a cercam rebentar alguma flôr ; se das silvas que a enlaçam reverdecerem algumas folhas ; se um adorno renascer d'estas vergonteas já séccas ; deposita-a nas mãos do Imperador, para que a suspenda como um trophéu, sobre o altar do grande homem, a que elle deve o seu nome, e o Brazil a protecção mais decidida... » ¹

O sr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, ex-lente da Escola de Medicina e actual aio dos principes... declara depois de citar este fragmento : « Salve, orador privilegiado ! Salve, orador poeta ! este exordio é um primor que acompanha o teu nome, e um florão da corôa que te orna a frente ! » Assim é que os nossos rhetoricos fazem a critica. É com estes brados de admiração pedantesca. Fôra melhor que Ramiz Galvão procurasse em Donoso Cortez a cançada imagem dos *Bardos do Hermon e do Sinai*... Tenhamos mais cuidado com os nossos pretendidos grandes homens.

Vejamos, por ultimo, o poeta sacro

José Eloy Ottoni (1746-1851). — Este velho patriarcha dos novos poetas brasileiros é uma das mais nitidas encarnações do nosso lyrismo. Não tem sido convenientemente julgado pela critica do paiz. Tanto mais exáltam Pedra Branca e Paranaçu, quanto menos prezam o traductor de Job.

Eloy Ottoni, que falleceu na avançada idade de oitenta e sete annos em pleno seculo XIX, é uma physionomia litteraria que deve ser estudada acuradamente. É um continuador da velha escola mineira, tendo mais suavidade romantica de que os seus antigos companheiros. Sua importancia litteraria deprehende-se das incertezas e azares de sua vida. Descendente de italianos audazes e emprehendedores, Eloy é filho dos sertões de Minas, da cidade do

¹ *Panegyrico de S. Pedro de Alcantara*, 1855, Rio de Janeiro, appenso ás *Obras Oratorias*, Rio de Janeiro, 1852.

Serro. N'aquellas paragens o futuro lyrista viu-se estimulado por tres grandes forças: o impulso poetico natural n'aquellas populações, o estudo da latinidade grandemente desenvolvido, e, finalmente, a natureza que alli é penetrada *par ce bain de lumière, par ces odeurs de végétations naissantes, par ce vif courant de puberté printanière dont l'atmosphère est imprégnée*, como dizia Eugenio Fromentin.

Eloy era despreoccupado e de tendencias erraticas. Depois de estudar o que estava ao seu alcance em Minas, partiu para a Italia onde reforçou a sua educação e começou os seus trabalhos litterarios. Em Minas e na Italia retemperaram-se as duas tendencias essenciaes a seu espirito: o lyrismo voluptuoso, e umas propensões religiosas que lhe adormeciam n'alma. Da primeira d'estas inclinações provieram-lhe as produções lyricas, e da ultima a traducção poetica dos *Proverbios de Salomão* e do *Livro de Job*. Da Italia partiu o poeta para Lisboa e depois para o Brazil. Acolheu-se a Minas Novas, onde o encontraram os successos da *Inconfidencia*, e onde leccionou latim. Retirou-se de novo para Portugal, onde assistiu ás lucfas das *Arcadias* e levou vida de *bohemio* à bocagiana. Foi o tempo de suas effusões lyricas. Tornou mais tarde ao Brazil, vivendo a principio na Bahia e posteriormente no Rio de Janeiro, onde falleceu.

Fez versos patrioticos sobre as aspirações dos brazileiros, traduziu os *Proverbios* e o *Livro de Job*; deixou poesias pessoasas e lyricas. Estas são as suas melhores produções. A tendencia religiosa accentuou-se mais no fim da vida como uma molestia da velhice, se é que vae um acto de religiosidade em traduzir algumas paginas da velha poesia hebraica.

Como lyrista, Eloy Ottoni teve um talento verdadeiramente apreciavel. Certa intensidade voluptuosa, um sentimento vago e penetrante de um extasi amoroso em toda a natureza, uma effusão de vida que de tudo se lhe communica, o amor sempre e por toda a parte: eis o seu estado emocional e psychologico. Alguma cousa que lembra o romantismo pantheistico da escola allemã, guardadas as distancias indispensaveis. O mineiro era um crente, não era um revolucionario; não comprehendeu bem o seu tempo; não deu impulsos ao seu povo; mas foi poeta; porque sentiu algumas das eternas bellezas do mundo, e, por este lado tinha alguma cousa de pagão. É hoje impossivel, ou pelo menos muito difficil reconstruir a historia dos seus amores com certas damas portuguezas do seu tempo. Seria cousa interessante para a historia do nosso lyrismo. Faltam-nos memorias e cartas intimas. O poeta deve ainda, e talvez sempre, ser julgado *secca* e unicamente por seus escriptos publicados, e são bem poucos. Temos á vista

sómente um punhado de versos lyricos, colligidos no *Florilegio* de Varnhagen, além dos *Proverbios* e de *Job* traduzidos do latim da Vulgata.

O poeta reconhece a seiva, a vida amorosa que circula em toda a natureza :

« Não zombe o sabio de me ouvir, attenda,
Escute o sabio a voz da Natureza :
As plantas vivem, porque as plantas amam
Ao tronco unidas, quando os olmos brotam,
Brotam as verdes, trepadeiras heras.
Não curva os braços verdejantes, ergue
Soberba o collo, demandando as nuvens,
A palmeira recebe, acolhe, afaga
Suspiros ternos que a saudade envia
No bafo meigo do amator distante.
Se o fido esposo, que de longe exhala
O succo ethereo, que vegeta e nutre,
Cedendo á força malfazeja expira ;
A esposa, logo que a exhalar começa
Do fluido exausto o deprimido alento,
Sequiosa pergunta, affavel pede
Noticia ao vento, que lhe nega e foge.
Não vive a esposa, quando o esposo acaba,
Perdendo a força nutritiva, perde
O vigor da união, que a enlaça e prende ;
E do esposo chorando a perda infausta,
Convulsa treme, solitaria morre... »

Os romancistas brasileiros nada de melhor escreveram n'este sentido. É uma nota que soffre grandes variações na lyra do nosso poeta. Se lhe apparecem ainda algumas velhas imagens da cançada poesia classica, perdem-se ellas entre muitas outras viçosas e puramente novas. O poeta é, como os principaes poetas mineiros, um predecessor do lyricismo romantico; é um sectario da antiga intuição camoneana lyrica. Se decanta umas nupcias em Lisboa, ouve-se :

« Da innocencia e da candura
Scintilla o foco brilhante ;
Arde a tocha fulgurante
Que symbolisa hymeneo :
Acodem risos de Venus,
Em grupo graças e amores,
Da terra abrolham as flôres,
Gotteja orvalho do céu !

Recostado o rio ameno,
Que fecunda estas campinas,

Vae retratando as boninas
Sobre o liquido crystal :
Dos augustos ascendentes
Falta o dôce, patrio abrigo !
De oliveira tronco antigo,
Falta o leito nupcial !

« Aos ardores com que o sol
Finge a côr da zona ardente,
Suppre o animo innocente
Do moço branco e gentil :
Banha o lucido cruceiro
Novo grau de claridade,
Aos effeitos da saudade
Suppre a gloria do Brazil.

« Eis a esposa . . . Como é pura !
Entre as virgens como é bella !
Eis o heroe, que é digno d'ella !
Já brilha a estrella do sul :
Ao vér o rosto suave,
Que mitiga á Iberia o pranto,
Desdobra Thetis o manto,
Bordado d'oiro e de azul.

« É mais bella do que o ramo,
Que jámais as flôres perde,
Aonde insecto auri-verde
Brilha junto ao caracol :
É mais gentil do que o cedro,
Quando a casca o germe empola,
Mais innocente que a rola,
Quando geme ao pôr do sol.

.....

« Na belleza do Universo
Formam as leis da harmonia
Simplicidade, alegria
Que nascem do coração :
As nupcias da natureza
O mar e a terra assistiram,
Todos os entes sentiram
As leis geraes da attracção.

« Assim na infancia primeira
Que o pintor do Eden cantava,
Por entre flôres raiava
A innocencia do jardim :

Como um arroio abundante
 O mel e o leite corria,
 O genio da paz tecia
 Festões de murta e jasmim. » ¹

O que transpira agradavelmente d'estes versos é esse consorcio inconsciente que o poeta faz das effusões da natureza e das emoções da alma humana. Era uma nota perdida e que Eloy Ottoni nos restituiu.

No meio das suas desordens de eterno pretendente, o poeta se obstinava em amar:

« Que eu toque a meta do desprezo altivo,
 Que eu banhe as faces de amargoso pranto,
 Tu podes conseguir; porém não podes
 Proibir-me de amar; não podes tanto!
 De orgulhosa vingança
 O peso não me opprime:
 Se me desprezas, digam se te adoro
 Os ais que arranco, as lagrimas que choro. »

Os versos patrioticos são fracos; falta-lhes o calor communicativo, a furia revolucionaria dos grandes combatentes da liberdade. As traducções revelam talento e habilidade lyrica; da velha poesia biblica são as melhores que possuímos. Especialmente a do livro de Job — é um trabalho de grande merecimento, como poesia. Eloy Ottoni ignorava radicalmente os modernos trabalhos dos orientalistas sobre as crenças dos semitas e não estava no caso de comprehender como critico o poema idumeu. Apesar de prolongar a vida até 1851, época em que já a critica biblica estava muito adiantada, Ottoni é desculpavel por essa lacuna, attendendo-se ao tempo em que fez a sua educação e sobretudo ao meio em que viveu. Se hoje, depois de trinta annos, poucos são os brasileiros que conhecem a critica religiosa, não devemos censurar o velho Ottoni pela sua ignorancia. O poeta serviu-se do latim da Vulgata, traduziu-o bem e com grandes bellezas de fórma. A traducção dos *Proverbios* é em quadras octosyllabas; é monotona. A de *Job* é em tercetos hendecasyllabos; é melhor. » ²

¹ Apud Varnhagen, *Florilegio*, III.

² Dos *Proverbios* ha a edição da Bahia de 1815 e a do Rio de Janeiro de 1841; de *Job* a do Rio de Janeiro de 1851.

SEGUNDA ÉPOCA, OU PERÍODO DE DESENVOLVIMENTO AUTONÓMICO

(1750-1830)

Bellas-Artes

Não é facil empreza escrever o quer que seja sobre o desenvolvimento das bellas-artes no Brazil.

Nós nunca tivemos um publico que se interessasse pelas conquistas da intelligencia; não possuimos tradições e verdadeiras escolas evolucionaes na litteratura e na arte. Por isso nossas produções apparecem sporadicas, sem nexo, sem o liame tradicional, sem a seiva de um germen que se desenvolve. Pelo que toca á poesia, a mais expansiva das artes, a mais communicativa de todas, a historia não é muda e é possível reconstruir o passado brasileiro n'esse dominio. O mesmo não se dá com a musica, a pintura, a architectura, etc. A razão é simples: a poesia demanda uma menor aprendizagem, menos esforço, e é mais facil de propagarse. Podemos affirmar que de todas as fórmulas litterarias é aquella que nunca faltou ao Brazil. As artes propriamente ditas são uma evolução muito mais penosa. A architectura entre nós nos tres seculos coloniaes teve uma vida quasi negativa. Restam-nos, como documentos, as igrejas, os conventos, as construcções officiaes... Pertencem todos á época da decadencia da arte portugueza, sob a influencia jesuitica, tempo do estacionamento da nação. Abre-nos uma excepção a época hollandeza no Recife; mas esta curta efflorescencia foi estrangeira e rapida; não deixou raizes; não foi uma effusão do genio nacional. O desenvolvimento da sciencia e da arte hollandeza no Recife, por meio de Piso, Marcegraff e do pintor Post, é um phenomeno isolado que não deixou tradições no paiz, infelizmente para nós. A Hollanda estava na phase brilhantissima de seu desenvolvimento artistico, e nós deixamo-nos ficar fóra d'essa corrente. Nos tempos coloniaes não tivemos uma escola nacional de architectos. Ainda hoje não a temos, como depois ver-se-ha. Na pintura, esculptura e musica fomos mais felizes.

A Bahia e o Rio de Janeiro, a antiga e a nova capital, foram os dous centros mais fertes para as artes em todos os tempos do Brazil.

Comecemos pela Bahia. Na pintura desenvolveu-se alli *José Joaquim da Rocha*. Era mineiro, e a elle se devem as cupulas das igrejas da Conceição da Praia, de Nossa Senhora da Palma, de S.

Pedro Velho, do Rosario da Baixa dos Sapateiros, da Ordem Terceira de S. Domingos, e os paineis de todas ellas. Teve por discipulos os mineiros Antonio Pinto e Antonio Dias, que foram auctores das cupulas e tectos das igrejas do SS. Sacramento da rua dos Passos, de Nossa Senhora da Ajuda, da Conceição do Boqueirão, da Saude e da Gloria. Foram ainda discipulos de Joaquim José da Rocha os pintores Lopes, Marques, Nunes da Motta, Verissimo, Sousa Coutinho, José Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco. A Verissimo se deve o tecto da igreja dos religiosos da Lapa; a Sousa Coutinho o panno de bocca do theatro de S. João no tempo do conde dos Arcos, representando a figura da America Portuguesa.

A *Theophilo de Jesus* devem-se as cupulas das igrejas dos Terceiros do Carmo, do Senhor dos Perdões, do Mosteiro de S. Bento e outros muitos trabalhos entre os quaes se destacam uma figura de Mercurio e um painel dos quatro Evangelistas. Foram tambem notaveis pintores *Bento José Rufino Capinan*, *Joaquim Tourinho* e *Olympio Pereira da Motta*. Na esculptura apparecem o mestiço *Chagas*, auctor do grupo das Dôres, S. João e a Magdalena, de um Menino Deus da igreja do Carmo, e mais algumas notaveis produções. Foram cultivadores da mesma arte *José de Abreu de Santo Amaro*, *Felix Pereira*, *Manuel Ignacio da Costa*, *Bento Sabino dos Reis* e *Feliciano de Aguiar*.¹

Não conhecemos directamente estes productos da arte brasileira; mas evidentemente na Bahia houve um certo movimento na pintura e esculptura em fins do seculo passado e começos do actual, que nos merece toda a attenção.

Ha ahí materia para investigações vastas e proveitosas. Fôra muito para desejar que um artista erudito preenchesse a grande lacuna que sentimos em nossa litteratura: — a historia das artes no Brazil. Seria necessario percorrer o auctor de semelhante livro as principaes de nossas cidades, os mais notaveis centros de nossa vida mental, e colligir os dados para essa obra interessante. A viagem não seria attrahente e largamente compensadora, como a de Eug. Fromentin através da Belgica e da Hollanda, nem o livro daria conta de tão surprehendentes monumentos como o delicioso volume — *Les Maîtres d'autrefois* — do celebrado pintor e romancista francez; mas não deixaria de ter interesse.

Passemos ao Rio de Janeiro. — Aqui *Frei Ricardo do Pilar* pintou os quadros do tecto e paredes da igreja de S. Bento e o painel

¹ Dados colhidos no *Brazil Social e Politico* do Dr. Mello Moraes (Pae).

do Salvador do altar-mór da sacristia do convento d'aquella ordem. *José de Oliveira* decorou a casa d'armas da fortaleza da Conceição, a sala das audiencias do paço hoje imperial, e o tecto da capella-mór da igreja dos Carmelitas; pintou tambem o tecto da igreja dos Terceiros de S. Francisco, obra afamada em seu tempo. *João Francisco Muzzi* desenvolveu-se habilmente na scenographia. *João de Sousa* foi o colorista dos quadros do claustro dos Carmelitas. O mestiço *Manuel da Cunha* foi auctor do tecto da capella do Senhor dos Passos na actual Capella Imperial, do Santo André da igreja do Castello, de um retrato do conde de Bobadella e d'outros trabalhos. — *Leandro Joaquim* pintou quasi todos os quadros da igreja do Castello e a Santa Cecilia da igreja do Parto. — *Raymundo* distinguio-se como pintor e esculptor; foi quem fez os dous presepes do Livramento e de Santa Thereza; foi o auctor do S. Sebastião do Castello da Ceia do altar-mór da Sé, e da Conceição da sacristia da igreja do Hospicio. *José Leandro*, notavel retratista, decorou o tecto da varanda da acclamação de D. João VI; pintou os quadros da Capella Imperial, entre os quaes se distingue o do altar-mór que representa a familia real. — *Manoel Dias* professou o desenho com grande talento e creou a aula do *nú*. É hoje quasi impossivel fazer a critica de todas estas obras de uma arte nascente; muitas desappareceram e outras acham-se estragadas, ou soffreram retoques semi-barbaros.

A *Valentim da Fonseca e Silva*, pintor e esculptor, deveu-se toda a pintura mural, outr'ora existente no convento dos Carmelitas. Foram obra sua as estatuas dos pavilhões do Passeio Publico e os quadros ellipticos do pavilhão esquerdo. — Não menos notavel como estucador e paizagista era então *Francisco Pedro do Amaral*¹.

Adriano dos Passos, entalhador e marmorista, tinha officina afamada na rua do Senhor dos Passos; fabricava urnas de um perfeito acabado. A que elle fez para os restos de Frei Sampaio era obra de summa perfeição.

Frei Francisco Solano, religioso franciscano, além de perito em trabalhos de ceramica, pois fabricava jarros, imitando porcelana, como os teve o convento de Santo Antonio, era optimo desenhista, e foi quem fez todas as figuras da *Flora Fluminensis* de Frei Veloso.

¹ Noticias devidas aos estudos de Aranjó-Porto-Alegre na *Revista do Instituto Historico*, tom. III, anno de 1841, pag. 527 e tom. XIX, anno de 1856, pag. 349.

Mestre Xavier das Conchas, fluminense, era exímio em trabalhos de pennas, escamas, conchas, etc. Deixou alguns quadros de relevos no genero. Foi o auctor da cascata do Passeio Publico.

Finalmente *Simplicio Rodrigues de Sá*, o primeiro filho da Academia de Bellas-Artes, foi retratista de nota. O retrato de Pedro I em 1824 é o mais perfeito que existe ¹.

Passemos á musica.

Fomos ahí quasi tão prodigos como na poesia. Ha uma musica que se póde chamar brasileira. Aparece hoje quasi toda anonyma. Não ha uma provincia do Brazil que, desde os mais remotos tempos, não contasse um certo numero de musicos notabilissimos, cujas produções foram sempre apreciadissimas, e passando de geração em geração, vulgarisaram-se. Não sendo publicadas, desapareceram sem deixar a lembrança dos nomes de seus auctores. Julgo pelo que se passou em Sergipe, minha patria. É enorme o numero de modinhas, de quadrilhas, de marchas, de musicas sacras, de phantasias, todas de um sabor especial, expressões imperterritas de um espontaneo genio artistico de subido valor. Entretanto, correm anonymas.

De seus auctores falla-se vagamente, do violoncellista Marcello Santa-Fé, do rabequista Joaquim Baéta, de José Bochecha, e pouquissimos outros, que todos tiveram em seu tempo, entre aquellas populações, grandissimo renome. D'elles nada hoje sabemos e nada saberemos, porque os pobres artistas nunca imprimiram suas obras, nem jámais isto lhes passou pela cabeça. É assim em todas as provincias. Dos antigos musicos brasileiros talvez venham a salvar-se no futuro só os nomes de *Frei Antonio de Santo Elias* e do padre *José Mauricio Nunes Garcia*. Frei Antonio era chamado pelo padre José Mauricio *o rei dos organistas*, porque elle tocava admiravelmente o instrumento em que o seu rival era mestre consummado. Frei Antonio *escreveu matinas e missas. As matinas da Resurreição* passam por sua obra-prima.

O padre *José Mauricio* teve celebridade immensa no tempo de D. João VI. São tradicionaes suas luctas com o celebre Marcos Portugal. Era mestiço esse exímio instrumentista, e compositor de grande talento. Existem ainda muitas produções suas ineditas. Não

¹ Vide Macedo — *Um Passeio pelo Rio de Janeiro*, passim.

as conheço para as julgar. São, porém entusiasticamente elogiadas por quantos as ouviram. ¹

Não temos documentos completos para escrever a historia das artes em nosso paiz; lembramos apenas a necessidade de tental-a quem estiver em condições de leval-a a bom termo. Será, talvez, possível, quanto á musica, colher algumas producções dos ultimos oitenta annos archivadas nas igrejas ou em collecções de amadores na côrte, e nas provincias.

Com a musica se dá o mesmo que acontece á poesia popular. Podem-se fazer colheitas por onde se reconstrua o genio artistico de nosso povo.

No estado actual de nossos estudos sobre o Brazil resignamos a deixar este livro soffrendo da immensa lacuna de um mutismo quasi completo, quanto ás artes, até perto dos nossos dias. Oxalá alguém nos corrija e quanto antes, n'este ponto.

Apenas podemos adiantar que nos fins do seculo passado e principios do actual em Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão estavam os principaes centros musicaes do Brazil. No Rio de Janeiro distinguiram-se os componistas padre Manuel da Silva Rosa e Pedro Teixeira, além dos já citados Frei Antonio de Santo Elias e padre José Mauricio Nunes Garcia. Despontava o genio de Francisco Manuel. Como cantores notavam-se o baixo João dos Reis e os tenores Candido Ignacio da Silva, e Gabriel.

N'esse tempo fulgiam os compositores estrangeiros Neukomm, Masciote, e Marcos Portugal, e os cantores Fasciote, Tanni, e Maggianarini. Em 1816 fôra contractada na Europa uma colonia de artistas que vieram ao Brazil fundar a Academia de Bellas-Artes. Os principaes d'esses artistas foram Neukomm, João Baptista Debret, Nicolau Taunæs, Grandjean de Montigny, Pradier, e Marcos Ferrez. Comquanto só em 1825 fosse levada a effeito a fundação da Academia, a idéa de sua criação foi de João VI e isto o honra. Os tempos d'este principe no Rio de Janeiro não estão ainda bem estudados, nem tirada a limpo completamente a figura do filho de Maria I. A retirada do monarcha para a America, seu decidido amor ao Brazil, alienaram-lhe de todo as sympathias dos historiadores portuguezes, que não cansam de profligal-o. Da parte dos escriptores brasileiros nota-se pronunciada a tendencia em justifical-o.

¹ Sobre a musica no Brazil, vide na *Nitheroy — Revista Braziliense*, um artigo de Porto-Alegre; Sobre o padre José Mauricio a sua *biographia* pelo mesmo Porto-Alegre na *Revista do Instituto Historico*, tom. XIX, 1856, e os *Estudos Criticos* do snr. E. Taunay, II vol.

Tudo isto é inutil. João VI não merece odios nem amores exaggerados. Era um mediocre consummado, proprio para debater-se ingloriamente no meio artificial e fertil de intrigas em que se achou envolvido. Fugia da lucta, das posições definidas, tinha paixões cansadas e mornas; escondia-se, annullava-se atraz das mascaragens cor-tezãs, e tinha medo dos mexericos da rainha Carlota.

De resto, e é o que nos convém agora lembrar, tinha amor á eloquencia do pulpito e era doido por musica de igreja. D'ahi a flo-rescencia especial que estas duas artes experimentaram em seu tempo no Rio de Janeiro.

Isto era fundamentalmente artificial e murchou cedo. A despeito de seu talento, o padre José Mauricio, por exemplo, não deixou es-cóla, não actuou como poderosa força em nosso desenvolvimento artistico. Elle e seus companheiros estão hoje completamente olvi-dados pelo povo e pela massa dos litteratos do Brazil. Verdade é que este signal nada prova entre nós, porque, prova de mais...

Não sei qual é, qual tenha sido no Brazil aquelle de nossos ho-mens illustres de que o nosso povo se recorde, aquelle que não tenha sido esquecido.

Nas provincias, já em tempos mais proximos, ha noticia, como musicos notaveis, de Francisco de Oliveira Coutinho em Santa Ca-tharina; de Damião Barbosa de Araujo, e Mussurunga na Bahia; de Pedro Teixeira, e Cantuaria em Pernambuco; de Sergio Marinho, e Francisco Colá, pae de Francisco Libanio Colá, maestro hoje celebre, no Maranhão.

Em logar apropriado vêr-se-ha o desenvolvimento artistico do Brazil de 1830 até hoje. Os documentos são então mais abundan-tes e a historia pisa terreno mais firme.

(Continúa).

SYLVIO ROMÉRO.

TIBERIO SEMPRONIO GRACCHO

(Fragmento da **Historia da Republica Romana**, vol. XV-XVI
da *Bibl. das Sciencias sociaes*, no prélo)

Cornelia, filha do heroe de Zama, casára com Tiberio Sempronio Graccho, consul em (U. C.) 577, censor em 585, outra vez consul em 591, homem nobre, virtuoso e forte, habil capitão que durante o seu primeiro consulado pacificára a Hespanha. Enviuvou com tres filhos: o mais velho, do nome do pae, nascera em 591; Caio, o mais moço, nove annos depois; o terceiro, uma filha, desposára Scipião Emiliano, primo da familia. A viuva, entregue aos cuidados da educação dos filhos e do culto da memoria do pae, recusára a mão de esposo que lhe offerecera o Ptolomeu do Egypto: avalie-se por isto o prestigio d'essa familia herdeira por afinidade do maior nome romano. A sua casa era o centro aristocratico por excellencia, presidido pela matrona viuva, tão celebre pela virtude como pelo talento. Encontrava-se ahi a roda hellenisada dos Scipiões, aberta ás idéas novas, socialistas, que, sem desdenhar da intervenção do *povo*, antes lisongeando-o, não partilhava todavia dos instinctos e do temperamento demagogico; mas ao mesmo tempo proclamava a decadencia da republica, a urgencia de reformas, um socialismo, popular sim, porém guiado pela aristocracia que, seguindo a tradição romana, devia outra vez dar a mão ao povo, levantar a classe dos pequenos proprietarios, acabar com o proletariado que enchia as ruas, moderar o esclavagismo que ameaçava subverter o estado.

Lamentava-se constantemente no salão de Cornelia o abandono das lavouras italianas, a affluencia todos os dias crescente dos proletarios á capital. Frequentavam a casa e partilhavam as opiniões ahi correntes varios senadores que na assembléa formavam a minoria socialista, aristocraticamente adversa ao capitalismo e á oligarchia reinante de mãos dadas com elle. Com as idéas de reforma economica ligavam-se as opiniões ácerca da necessidade de reformas politicas, abrindo as portas do fóro romano aos italianos, voltando tambem á tradição antiga da republica, a assimilação das populações irmãs, a igualdade de direitos de todos os membros da nação *romana*, continuando a obra violentamente interrompida pela crise de Annibal e que desde então a avidez corrupta dos oligarchas não deixára proseguir. D'ahi vinham todos os males: a hostilidade dos italianos, a miseria universal. A alma da antiga Roma aristocratica, personalisava-se na filha de Scipião, o heroe cujas façanhas, cujo espirito, tinham todavia lançado a republica no caminho opposto ás idéas de Catão, o inimigo das conquistas á moda imperial. Cornelia adorava a memoria do pae, condemnando-a porém inconscientemente apparecia como um novo Catão, uma imagem dos tempos antigos, doirado pelo encanto da cultura hellenica.

A sua roda compunha-se de Publio Crassó Muciano, *pontifex maximus*, do irmão d'este, Publio Mucio Scævola, que abrira em Roma a primeira escóla de direito, iniciando o estudo scientifico de jurisprudencia, de Quinto Metello, o general celebre por tantas victorias, de Appio Claudio consul de 611, censor de 618, cuja filha casára com Tiberio. Caio desposára uma filha de Muciano. Os vinculos de familia ligavam pois esse grupo, unido por uma communiidade de opiniões, sob o influxo de Cornelia. Era um circulo nobre em todos os sentidos, em cujo seio a educação dos dois rapazes se fizera. Sua mãe dera-lhes por mestres e companheiros dois gregos da escóla de Zenon, o stoico, — Caio Blossio de Cumas e Diophanes de Myteléne, — que os instruíram, afeiçoando-lhes o caracter com os preceitos d'essa philosophia, tão adequada ao genio forte e acanhado do romano, que foi em Roma onde floresceu e se propagou, embora tivesse vindo da Grecia como todas as philosophias. A lição dos stoicos, as doutrinas correntes em casa, o espectáculo dos acontecimentos diarios, enchiam de enthusiasmo e ardor o moço Caio, introduzindo uma convicção firme, o sentimento grave de um dever a cumprir no animo de Tiberio que era um rapaz frugal e simples, um tanto triste, e fallava correspondentemente em orações pausadas, prudentes, n'um estylo literario e castigado, convidando todos á paz, á resolução moderada e grave de questões tanto para lamentar. O seu tom serio, meigo e triste, era sobretudo

sympathico. Perguntava qual valia mais se um cidadão ou um escravo, se um soldado ou um cidadão guerreiro — pondo assim o dedo na chaga: as milicias transformavam-se em exercitos! E quando, com lagrimas, commentava a desolação da Etruria, os quadros que fazia do proletariado sem terras, commoviam todos. Mostrava como os cidadãos soberanos eram miseraveis, como, segundo o dissera Aristoteles, a liberdade era impossivel sem a propriedade; e dizia não ser crível que os conservadores quizessem, por um pedaço de terra usurpada, pôr em perigo a sorte da republica, renunciar ao imperio do mundo que seu avô começára a fundar... A mãe revia-se orgulhosa nos discursos do filho.

Partiu elle para a guerra de Hespanha, militando com seu cunhado Emiliano, como tribuno de legião e depois como questor. Fizera a paz de Numancia em 617, mas viu com pezar o senado recusar-se a ratifical-a. Voltou a Roma decidido a iniciar a reforma planeada. Como? propondo-se ao tribunado, apoiando-se ao povo nos comicios, contra a oligarchia do senado onde tinha por si uma minoria sympathica ao socialismo, capitaneada pelos frequentadores da casa materna, muitos dos quaes eram seus proprios parentes.

A eleição consular estava-lhe vedada, a menos que não mentisse ao seu papel. A oligarchia dos nobres, petrificada, fechava já as portas das magistraturas supremas a todos os homens novos (*novi-homines*); os consules eram invariavelmente gente d'ella: só pelo povo e com o povo podia fazer-se a reforma. E desde certa época, á maneira que a obligarchia do senado, constituida, se fechava, levantava-se a democracia nos comicios, scindindo a representação e o governo em dois elementos oppostos, e creando um estado de conflicto permanente. O voto por escrutinio secreto e por espheras, panacéa com que os politicos imaginavam bater a preponderancia dos oligarchas nas assembléas populares, fôra introduzido em 615 pela lei Gabinia para a eleição dos magistrados, alargado em 617 á dos juizes, e finalmente em 623 (lei Papiria), seria applicado á votação das leis. Tambem em 625 os senadores foram excluidos da classe dos cavalleiros *equo publico* e assim banidos do privilegio de votarem nas dezoito tribus equestres. Já desde 609 o local dos comicios mudára de ao pé da Curia do senado para o Foro.

Estas innovações politicas não abalavam em nada o poder da oligarchia dominante: apenas mantinham na cidade essa agitação constante propria das edades democraticas em que, estabelecida a igualdade civil e politica, os movimentos estereis e incessantes apenas valem como symptoma dos conflictos latentes, mais graves, mais intimos, que agitam o corpo social onde se denuncia a lucta dos ricos e dos pobres, ou por outra, o debate entre o socialismo

e o capitalismo. Nos comícios do Foro romano viam-se as mesmas scenas que se observam nas assembléas eleitoraes de hoje. Os innovadores não cessavam de reclamar e de obter reformas para garantir a genuinidade do voto, mas todas essas invenções se annullavam perante a influencia do poder e da riqueza. Compravam-se os votos a dinheiro e a empregos ; compravam-se desvairando o povo com festas, com distribuições gratuitas de generos, pondo em combate no seu espirito o interesse immediato da bolsa e do estomago e o interesse remoto da ordem no governo. O suffragio universal, incluindo todos os plêbeus famintos, todas as multidões miseraveis, sempre capazes de heroismo quando operam collectivamente como massa, punha — então, como agora! — o corpo eleitoral á mercê dos poderosos que compravam um a um os soberanos populares, fallando-lhes aos interesses vis. Havia bandos, clientelas politicas, como as actuaes, capitaneadas pelos ambiciosos, plebeus alguns, mas na maxima parte filhos-familias da nobreza, ou cavalleiros ricos. Os Gracchos eram d'esses nobres, com a differença de que os seus instinctos eram sãos, os seus planos justos sob um ponto de vista moral e talvez até sensatos sob um ponto de vista politico. Viam elles, como socialistas, que as questões politicas eram apenas um symptoma da questão intima da riqueza, e por isso, tornando as primeiras instrumento das segundas, não desdenhavam de empregar os meios usados.

O nobre ia ao Foro seguido pela turba dos seus clientes, levando ao seu lado o *nomenclator* que lhe indicava o nome dos eleitores e as suas necessidades, fazendo como hoje fazem os influentes examinando os cadernos do recenseamento. A multidão soberanamente pedinte cercava-o, e os galopins partiam como mercurios insinuando-se, convencendo, corrompendo, comprando os eleitores. Elle, candidato, com passo grave, sobraçada a toga, caminhava de um a outro lado com sorrisos, saudações, apertos de mão, humilhando-se perante a plebe que se sentia lisonjeada de vêr assim, perto d'ella, dependente, o poderoso. Era moda o catonismo. Rapazinhos imberbes, para obter a victoria eleitoral, peroravam no Foro em linguagem campanuda, lisongeando o povo, o povo soberano, appellando para as virtudes do passado, e ao mesmo tempo praticando os vicios do presente, comprando os votos, pondo as tabernas á disposição dos eleitores, promettendo-lhes festas nunca vistas. O povo absolvía-se da sua venalidade, imaginando vagamente obedecer á rhetorica patriotica e stoica dos candidatos, não aos motivos de seducção mais positivos que elles empregavam em beneficio proprio.

Partidos não havia : havia apenas bandos e chefes. Questões não havia tambem, havia apenas planos ridiculos, subtis, de como se ha-

via de fazer o voto, assumptos mesquinhos que disparatavam com o grandiloquo dos dizeres. A sorte da republica parecia depender do facto de se votar por esferas ou por tabuletas; o destino de Roma estava dependente d'esta ou d'aquella combinação complicada na ordenação das tribus! Não vemos hoje a Europa inteira agitada por *questões* constitucionaes analogas — se a *lista* será uma ou multipla, se o voto será directo ou indirecto, se as minorias serão ou não representadas? não vemos encurralarem-se os eleitores em cellas, dar-se-lhes o papel, a tinta, para que os não comprem (Belgica), para que vote genuinamente sob tutela, o cidadão soberano?! Situações analogas produzem sempre resultados identicos; a natureza humana é sempre a mesma, e o romano do VII seculo da sua era tornára-se, sob o ponto de vista social, identico ao europeu occidental do XIX seculo da era de Christo: sceptico, utilitario mais do que patriota, sem religião nem civismo, dominado pelas doutrinas de um naturalismo que é a philosophia adequada a um tal estado moral (ou antes, immoral), entregue á casuistica representativa que é a consequencia necessaria do mecanismo do suffragio individual, e, no fundo de toda esta desordem, assoberbado pela *questão-social*, hoje como então nitidamente declarada. Os partidos verdadeiros de Roma chamavam-se, como se sabe, de um lado: *optimates* ou *nobiles*, no Senado, fruindo dos empregos provinciaes e da usurpação dos bens nacionaes italianos; e *equites*, publicanos, banqueiros, senhores da riqueza movel, arrematantes dos rendimentos publicos. Os nobres e os *equites* compunham, reunidos, o grande corpo do Capitalismo. Do outro lado estavam os *populares*, pequena burguezia quasi extincta, plebe proletaria, e a minoria dos senadores, partidarios da reforma, compondo o corpo opposto do Socialismo. Não é identica a situação de hoje?

Tal era o estado social da republica, quando em 620 Tiberio Graccho foi eleito ao tribunado com o proposito de revolucionar a republica, elle aristocrata, restaurando a pequena burguezia rural, segundo a doutrina catoniana, elle o neto de Scipião que tivera por inimigo fidalgo o Censor por excellencia. Este estado combinava-se com a questão das populações italianas que a oligarchia romana impedia de sabirem da sujeição em que se encontravam. As opiniões dos Gracchos eram conhecidas, e não tinham faltado a Tiberio, o mais velho, incitamentos para se apresentar em campo: era o neto de Scipião, era o filho de Cornelia, envolvia-o o clarão das duas aureolas, do heroe, da matrona sobre todas illustre que recusára um throno para educar os filhos! fôra vilipendiado pelos oligarchas vendo recusada a sancção á paz que negociára com os numantinos!... Todos o impelliam a salvar a patria, a começar pela mãe, a acabar pelos cabecilhas populares. Apareciam pas-

quins, cartazes pelas esquinas, invocando-o como a um Messias. Travasse a roda da ruina agricola da Italia, solidaria com a sorte da republica! Encharcavam-se as baixas onde pastavam gados, em vez de florirem searas (paues Pontinos, Maremmas); fugiam as populações adiante dos rebanhos; faltava o trigo, o pão encarecia, os pobres choravam miseria, os ricos arredondavam-se com as pequenas granjas dos lavradores expropriados. Era um mal antigo. Já Catão, apesar do seu catonismo, eivado pela chrematistica punica, dissera: «Qual é o melhor pae de familia? O bom creador de gado. Depois? o mediocre. Depois? o mau»; o homem era expulso pelo escravo. Por isso ás portas de Roma batiam diariamente as levas de camponeses arruinados que vinham engrossar a turba demagogica da capital, vivendo á custa do seu titulo de cidadão com o producto da venda do voto.

As magistraturas romanas duravam, como se sabe, um anno. Tiberio Graccho, eleito tribuno (tinha então trinta annos), apressou-se a empenhar a campanha apresentando a sua lei de reforma. O momento era propicio: dos dois consules, um estava na Sicilia batendo os escravos rebellados, o outro em Hespanha contra os numantinos. As crises externas distrahiam as forças inimigas. Scævo-lo, consul-eleito para 621, promettia o seu apoio.

A lei agraria que o tribuno apresentou aos comicios era até certo ponto a copia da Licinia, de 387. Todas as terras dominicaes occupadas (pelos nobres) sem pagamento de renda, excluindo portanto as que andavam arrendadas, como succedia ao territorio de Capua, regressariam ao Estado, ficando porém ao detentor, como propriedade sua, 500 *jugera* para si, e 250 para cada filho que tivesse até ao maximo de dois: a propriedade nunca poderia exceder 1000 *jugera*. Indemnizar-se-hiam as bemfeitorias. Os bens nacionaes, assim reivindicados, dividir-se-hiam em lotes de 30 *jugera* que seriam distribuidos pelos proletarios, cidadãos romanos e allia-dos italianos, não como bens particulares e allodiaes, mas como prazos perpetuos mediante um fóro para o thesouro. Crear-se-hia um collegio permanente de tres magistrados, annualmente eleitos pelo povo e encarregados das reivindicações e das distribuições. A instituição dos prazos, em vez da propriedade allodial, e a criação do collegio de magistrados eram os traços novos da lei de Tiberio Sempronio Graccho, ou lei Sempronia, como se ficou chamando.

À primeira vista e perante o stricto direito nada havia mais regular, nem até mais moderado do que a lei Sempronia. Perante os factos, porém, a verdadeira definição da lei era uma expropriação parcial dos grandes proprietarios em favor da plebe proletaria, pois as terras publicas estavam occupadas algumas desde tres seculos: os direitos do estado obliterando-se tinham virtualmente prescripto.

Os actuaes possuidores não eram em regra os primeiros detentores : chamavam com fundamento seu áquillo que tinham comprado com o seu dinheiro, ou mediante fórmas onerosas que o uso sancionava. Taes eram os argumentos dos oligarchas, contra os quaes os socialistas catonianos oppunham o exemplo de um caso recente : o territorio de Capua e das cidades visinhas fôra encorporado nos bens nacionaes em 543 e na sua maxima parte usurpado, quando em 582, quarenta annos depois, a reacção catoniana reivindicára esses territorios e os arrendára por conta e a beneficio do erario. Os casos porém differiam, já porque no de Capua a usurpação não durára mais de uma geração, já porque nos antigos terrenos italianos não houvéra propriamente usurpadores, mas sim detentores em virtude de um titulo mais ou menos legalmente outorgado.

Era facto porém que se a republica queria salvar-se restaurando a pequena burguezia rural, fixando-a para sempre nos prazos agricolas, força era apoiar a lei Sempronia : pela primeira vez, n'esta ordem de cousas, apparecia em Roma o *salus populi*, ou razão-d'Estado, em conflicto com o direito stricto, *strictum jus*. E apparecia propondo uma revolução social de tal ordem que destruiria o poder da *nobilitas* no Senado, já por lhe tirar o alicerce da riqueza, já por dar aos cidadãos uma liberdade positiva incompativel com a situação de proletarios. Naturalmente os oligarchas, vendo-se de tal fórma atacados, resistiram e declararam guerra. Não se tratava agora das questões ociosas de reformas politicas mais ou menos vãs que não podiam atacar o seu poder, tratava-se de uma reforma social diante da qual a oligarchia baquearia. Toda a agitação dos cidadãos nos seus comicios era vazia, pelos motivos que sabemos, e de facto essas assembléas apenas entretinham a actividade democratica sem prejuizo grave : de facto sanccionavam tudo quanto os oligarchas queriam — como por via de regra fazem hoje em dia os parlamentos. Faltava-lhes a base de um interesse positivo que lhes dêsse força e unidade, como falta hoje isso mesmo aos eleitores do suffragio universal, tambem irrisoriamente soberanos ; e era exactamente essa força, essa commuidade de interesses, que os proletarios iam ganhar com a lei que os tornaria a todos pequenos proprietarios ruraes.

As reivindicações anarchicas dos comicios, no meio de uma constituição anarchisada, vinham desde certo tempo reclamando para essas assembléas attribuições executivas e preparando assim, com o cahos constitucional, uma situação analogá á que em Inglaterra Cromwel resolveu expulsando o Longo-parlamento, e em França os dois Napoleões cortaram violentamente pelos golpes-d'Estado do 18 Brumario e do 2 de dezembro. Preparava-se o apparecimento de um monarcha. Sempronio Graccho deu o primeiro golpe decisivo

na constituição, e nos direitos populares, creando uma situação extra-legal, fazendo-se dictador, um precursor do imperio.

Fôra o caso que os oligarchas do Senado vendo-se tão gravemente atacados, resolveram-se a voltar contra o tribuno revolucionario o proprio *veto* tribunicio, alicerce das immunidades populares. Compraram um collega de Tiberio, Marco Octavio, para impôr o seu *veto* á apresentação da lei perante os comicios. Diante d'isto, Graccho, ou havia de recuar miseravelmente, ou rasgar a constituição n'um dos seus artigos fundamentaes. Foi o que fez, apoiado na turba popular que o seguia : suspendeu o exercicio da justiça, sellou as portas do erario de Saturno, cortando ao Senado a sua força, o dinheiro, e de novo propôz a lei aos comicios, mas de novo Octavio apresentou o seu *veto*. A agitação era extrema em Roma, na imminencia de uma collisão que seria sangrenta. Os grandes proprietarios appareciam vestidos de lucto no Foro chorando a sorte que os esperava e buscando por todos os modos captivar a população, commovendo-a ; ao mesmo tempo que secretamente compravam votos e preparavam ciladas ao tribuno socialista, tendo peitado rufões para o matar. Elle, cercado sempre por bandos populares, andava armado. Por seu lado o Senado propunha uma retirada honrosa ao tribuno que, acreditando em uma boa-vontade sincera, acceitou com enthusiasmo : foi discutir a sua lei na Curia, mas logo viu o espirito inconvertível dos senadores.

Depois d'este episodio, o dilemma apresentava-se-lhe terrivel : perder-se, ou rasgar a constituição. Francamente propô-lo ao povo : ou elle ou o seu collega Octavio deixariam de ser tribunos. Então a assembléa acclamou-o, e pela primeira vez a inviolabilidade tribunicia foi atacada. Os lictores arrastaram Octavio do seu banco á força, e logo a lei Sempronia foi votada com enthusiasmo — a turba acclamava um tyranno, o precursor de Cesar... Elegeram-se os commissarios agrarios : elle Tiberio, Appio Claudio e Caio Graccho, rapaz de vinte annos. A execução da lei ficava assim encarregada exclusivamente á familia de Cornelia.

A irritação do Senado não conheceu limites desde esse momento ; o egoismo encontrava um meio de se proclamar francamente, fallando em nome da constituição abatida, dos direitos populares menoscabados. No proprio povo entrava a divisão. A situação do tribuno não era segura. Quinto Pompeu declarou que o accusaria no dia seguinte áquelle em que expirasse o seu mandato — durante o exercicio dos cargos os magistrados não podiam ser accusados. O ar coalhava-se de ameaças, rugiam por toda a parte os protestos de vingança. O proprio Metello, aliás partidario da lei agraria, clamava no Senado contra a tyrannia, a favor da constituição despedaçada. Tiberio apparecia no Foro cercado por guardas de

tres ou quatro mil populares, homens dedicados : só assim tinha a vida segura, pois sabia-se que publicamente attentavam contra ella, e o tribuno que não respeitára a inviolabilidade do collega, não podia invocar em seu beneficio essa prerogativa que deitára por terra.

Dia a dia crescia a gravidade de uma situação que reclamava a mão possante de um tyranno, e Tiberio não o era, nem tinha qualidades para o ser. A gratidão do povo era o seu baluarte, fragil sustentaculo porém, pois o povo é sempre ingrato : dá-se a quem o paga. E os oligarchas compravam, compravam sem cessar. Tiberio viu a necessidade de proceder do mesmo modo : ia assim levado pela força das cousas para o *cesarismo*, systema ainda não definido com o nome do homem de genio que o pôz em pratica seguindo um plano. N'esse anno (621) herdou Roma o reino de Pergamo e o thesouro enorme dos Attalidas : Tiberio propóz que o thesouro fosse dividido entre os novos foreiros da republica afim de lhes permittir a compra das alfaias ruraes ; annunciando outras medidas igualmente destinadas a captar uma popularidade que via em perigo : a diminuição do tempo de serviço militar obrigatorio, o alargamento do direito de appellação, a abolição do exclusivo dos senadores na constituição do tribunal das concussões, a generalisação do fóro romano a toda a Italia. Todas estas medidas consolidariam o seu poder, mas algumas d'ellas, como a reforma militar, podiam arriscar a sorte da republica militar. Elle, porém, que primeiro se arriscára a si para salvar o estado, vendo-se quasi perdido, arriscava agora a republica para se salvar a si do naufragio, e cada erro que commettia era explorado habilmente pelos inimigos encarniçados na sua perda.

Se o povo o não reelegesse para 622 e tivesse de voltar á vida privada, era um homem perdido : seria accusado, seria talvez justificado. O dia das eleições era para elle o do seu julgamento. Entrou n'ellas como um desesperado. Obteve os votos das primeiras divisões das tribus, e a victoria ia meio ganha, estava a ponto de triumphar, quando a assembléa que até ahi se agitára em ondas largas com um rumor surdo prenunciando tempestade, soltou n'uma grita desabrida, n'um tumulto positivo, n'um temporal desfeito que obrigou a adial-a para o dia seguinte. Tiberio lançou mão de tudo, perseguido por toda a especie de agouros funebres : corria que no seu capacete achára essa noite os ovos de duas serpentes que ahi foram chocar ; os frangãos sagrados não quizeram sahir da gaiola para comer ; quando ia de casa para o Capitolio viu dois corvos batendo-se n'um telhado : e uma pedra solta veio cahir-lhe aos pés ; adiantando-se para o Capitolio, onde o povo já estava reunido, topou com o pé n'uma pedra e rachou a unha do dedo gran-

de : andando deixava atraz de si um fio de sangue. A velha superstição latina reaparecia no momento de crise. Via-se perdido. Ia vestido de negro, trajando de lucto, e ao povo commovido encarregava a guarda da sua viuva, do seu filho — não se decidiriam os populares a defender quem implorava o seu soccorro de um modo tão pathetico ?

Por outro lado, prevendo que os inimigos dissolveriam de novo a assembléa, armou a sua gente para expulsar á força, caso fosse necessario, os adherentes da aristocracia. A assembléa funcionava em frente do templo de Jupiter no alto do Capitolio e os tumultos da vespera repetiram-se, repetiu-se a desordem e a dissolução do comicio. Do monte Capitolino descia sobre Roma apavorada o trovão clamoroso do povo revolucionado. O templo de Jupiter cerrára as suas portas ; ao lado, no de Fides, o Senado reunido em sessão agitava-se violentamente na crise suprema ; cá fóra á frente do povo o tribuno depuzera todos os collegas e, só, fazia-se dictador. Os morras — *feri ! feri !* mata ! mata ! começavam a estalar com trovões imminentes. Era a senha que sabia do Senado, decidido a acabar violentamente. Perdido, afflicto, o tribuno punha as mãos na cabeça com um gesto de desespero, e uma voz disse « quer ser rei ! » Acordaram os velhos odios : já violára o tribunado sacrosanto, o impio ! Senadores do peristyllo do templo incitavam, applaudiam : lá dentro continuava a sessão : reclamava-se de Scaevola que logo alli mandasse justiça o temerario que ousava ambicionar a corôa, pisar Roma aos pés ! subverter a liberdade ! Scaevola recusava-se a matar o filho de Cornelia, o povo não ousava voltar-se contra elle, mas já tambem o não defendia, sumindo-se covardemente.

Foi então que Scipião Nasica, aristocrata furioso, n'um impeto de colera contra o primo (era tambem neto do grande Scipião) se levantou, agitando-se como um louco, e tomando nos braços o banco em que se sentava, deixando cahir a toga, arrastou comsigo os senadores que partiram todos do templo armados de bancos e rompendo pela mó do povo espantado e inerte. Tiberio fugiu, correndo, escorregando, cahindo, levantando-se, pela ladeira do Capitolio abaixo, e atraz d'elle desvairados os senadores, já seguidos pelos cavalleiros, pelos clientes, armados de cacetes gritavam n'um clamor furioso — *feri ! feri !* mata ! mata !

Assim morreu Tiberio Graccho. De uma vez que cahiu, acabou-o com uma acetada nas fontes Publio Saturcio, ou Lucio Rufo — ambos os senadores reclamaram as honras da façanha. O tribuno jazia morto ao pé das estatuas dos reis em frente do templo de *Fides*. O povo miseravel, espantado, fugia ; e n'essa tarde consentiu que morressem a pau trezentos sempronistas. Todos os cadaveres foram lançados ao Tibre e em vão Caio procurou o corpo do irmão.

À noite um grande silencio envolvia Roma: era o presagio de futuros sangrentos; era a tristeza de um povo perdido, era a vergonha de uns pela sua covardia, de outros pela sua indignidade. O Senado de reis não passava de uma assembléa de caceteiros, a constituição estava despedaçada, as ruas ensopadas de sangue, e no Tibre boiavam vagorosamente em direcção do mar os cadaveres dos vencidos. Estava iniciada a era das revoluções sociaes terri-veis...

Os vencedores não sabiam que fazer da victoria. Passada a crise, acabou o predominio dos energumenos de Nasicca, mas havia a optar desde logo entre a legalidade ou a razão-d'Estado. Venceu esta; e o Senado, sancionando a accusação contra Tiberio por aspirar á realeza, não só indultou os assassinos, como nomeou uma commissão de inquerito para accusar os cumplices do tribuno. O anno de 622 viu funcionar cruelmente o tribunal politico. Nasicca, alvo dos odios populares, foi nomeado para um logar na Asia, e em 624 subia a *pontifex maximus*. Os antigos socios de Tiberio na empreza da reforma social, renegavam-no todos: foram sempre assim os conservadores que por um capricho se arvoraram em revolucionarios. O proprio Scipião, de volta da Hespanha, onde destruiu Numancia, interrogado, respondeu que «se o cunhado aspirára á realeza, fôra muito bem morto.» Não se atrevia a defender-lhe a memoria, sem ousar tambem condemnal-o: a tibieza invadia os melhores. Cornelia chorava com as desgraças da patria e a morte do filho adorado; Caio consolava-a asseverando á mãe que o vingaria.

OLIVEIRA MARTINS.

POESIA PHILOSOPHICA E SCIENTIFICA

(Continuação)

II

A conciliação da poesia com a sciencia, como a concebemos, não é confusão de elementos heterogeneos. Ha simplesmente independencia sem antagonismo. Esta evolução, que resulta da renovação profunda das idéas n'este seculo, é a poesia a mover-se livre e independente em uma esphera de acção mais larga, a acompanhar parallelamente o grande movimento das doutrinas philosophicas e scientificas, a explorar novas e exuberantes fontes de inspiração, exausta, e esterilizada ao sopro arido da imitação convencional, ou da sentimentalidade emphatica e declamatoria.

Não se trata de escravisar o poeta a uma rigorosa disciplina mental, indeclinavel no philosopho e no douto, mas que opprime a liberdade e a expansibilidade natural que são condições primarias da inspiração poetica, espontanea e impetuosa como as forças da natureza inspiradora em toda a sua plenitude exuberante.

Se a poesia se reduzisse á condição de demonstrar theoremas ou de apostolar um systema philosophico, certamente abjuraria da sua autonomia e independencia confundindo-se com a sciencia; mas não se pretende que o poeta seja positivista, evolucionista ou transformista; basta que pela cultura intellectual saiba elevar-se ás syntheses da sciencia moderna e arrancar aos grandes conflictos do espirito novo em lucta com a natureza a nota emotiva, o hymno heroico d'este esforço que tende para novos ideaes de progresso e civilização.

Ainda mesmo em um espirito que fluctua atormentado no estado de duvida a poesia pôde brotar em raptos fogosos de inspiração, como nas poesias de M.^{me} Akermann.

A arte e a sciencia encontram-se no mesmo objectivo — a verdade; mas, embora se toquem as suas esferas de acção independente, logo as separam intuitos e rumos diversos.

E, nas suas relações com a sciencia, a arte e a poesia só colhem os elementos que alargam ao artista o circulo das proprias idéas e alevantam a inspiração a pontos de vista mais altos e verdadeiros.

A poesia como a sciencia aspira á verdade, como ella tambem interpreta a realidade; mas em quanto o sabio profunda a verdade exacta, o poeta contempla a natureza comprehendida pela sciencia e submete á imaginação e ao instincto creador este sentimento da natureza assim interpretada á luz da sciencia.

É mediante esta differença capital que a arte pôde inspirar-se na sciencia, sem alienar a sua independencia.

A sensação do real, substituindo-se exclusivamente á imaginação, como pretende E. Zola, não basta; a objectividade só, embora exerça uma acção capital na formula naturalista, é impotente para nos dar uma obra d'arte viavel. A sensação do real é apenas a chave para se chegar ao sentimento intimo, sem o qual a emoção não se produz. A realidade que resvala pela superficie das cousas pôde ser uma copia exacta do que é palpavel e objectivo, mas nunca toda a verdade, a verdade completa, a verdade artistica em que coexistem o extrinseco e o intrinseco.

A observação exclusiva da vida exterior é o meio primario e poderoso para se chegar á posse completa da verdade e á comprehensão profunda e conscienciosa do mundo moral; mas, só de per si, a observação externa pôde dar-nos uma reprodução exacta e fiel da cousa observada, mas fria e inanimada como uma cópia photographica, se o calor da imaginação não vem imprimir vida, movimento e relevo ao quadro. A similhança pôde ser perfeita e completa, mas na tela haverá tudo menos a vida.

Na obra d'arte a imaginação creadora é para a arte o que é o sol para a criação: sem o fôco luminoso da imaginação os productos da observação esbatem-se na sombra, como se esvae na escuridão nocturna o brilho e o colorido da natureza.

Na obra d'arte a observação exterior corresponde na sciencia á experimentação physiologica, como a imaginação corresponde á observação psychologica. No mundo moral, que é o campo onde a arte exerce principalmente a sua acção, a sensação exterior e a observação physiologica são os primeiros fios conductores que nos levam ao sentimento interno e psychologico.

E n'esta aproximação concomitante de arte e sciencia o que esta tem de arido e parece incompativel com a poesia desaparece, desde que o poeta, como a abelha, vá direito ao calice odorifero e saiba extrahir á flôr da sciencia a sua mais balsamica essencia.

A sciencia tem uma grande poesia no conjuncto dos seus aspectos geraes. Para se alcançarem os cumes, d'onde se abrangem estas largas perspectivas, a sciencia precede a arte aventurando-se em trilhos invios e escabrosos, e, após este labor penoso de exploração, a poesia perante essas veredas desbravadas remonta em livres vôos ás culminações do saber humano.

A sciencia é o grande manancial da moderna inspiração; é a sciencia que alimenta na intelligencia humana esta ancia vivida de comprehender, penetrar, luctar e melhorar, e é n'este estado de lucta, n'estas perturbações da alma humana por vezes perplexa, n'estas contensões do espirito avido de saber, febricitado na resolução do problema da vida, n'esta eterna e infatigavel impulsão para o mysterio após outro mysterio desvendado, que se ateia vivaz e ardente o fóco da nova inspiração.

A sciencia não só não é contraria á imaginação e á poesia, não só é guia e auxiliar seguro á observação e intuição de todo o artista, mas tambem ella mesmo encerra em si uma poesia, desde que a saibam comprehender.

Evidentemente não é facil fazer do sabio um poeta; o excesso da actividade intellectual e da reflexão amortece as faculdades sensitivas e a vivacidade da imaginação sem a qual a poesia é a flôr que não desabrocha rutilante e vivaz sem o calor vivificador do sol.

Mas não se trata de atrophiar o instincto poetico com uma hypertrophia de erudição; pede-se só á sciencia a luz que nos esclarece na comprehensão da natureza e das realidades, ou o que ella mesmo encerra de poetico no melhor da sua essencia.

Não é indubitavelmente a sciencia que faz o artista, não é o conhecimento das leis fundamentaes dos phenomenos da vida que dispensa a intuição, o instincto innato do poeta e do artista; mas tambem não é menos certo que o genio creador se completa no aprendizado scientifico.

A suggestão mais energica que emociona a alma do poeta e lhe inspira essas estrophes eloquentes, esses fervidos gritos d'alma, que se representam vibrantes na consciencia dos povos e se condensam em maximas eternas, preparando-os para o advento de novas eras, reside justamente nos periodos de transição e supremo esforço após a lenta laboração que antecedeu um estado melhor.

Dante é um precursor de Luthero, secundado por Boccacio na formula mais ligeira e popular do conto, quando verbera implaca-

velmente a corrupção dos Papas, ao mesmo tempo que mantem candido e impolluto o seu mystico ideal de fé e simplicidade christã, affirmado na votiva aspiração a receber da posteridade a corôa de gloria nas fontes do baptisterio. E porventura a candura d'esta fé, de par com a indignação que fulmina os vicios dos Pontifices, o luxo e a venalidade da Egreja romana, esta intuição do futuro tres seculos anticipada, esta aspiração a um estado melhor pela verdadeira comprehensão da idéa christã, e que pôde ser fixado como o ponto de partida da decadencia do poder pontifical, é que imprime o maior cunho de grandeza ao genio do poeta.

É n'estas crises violentas, quando uma aspiração nova investe com idéas consagradas e inviolaveis e rompe os élos da tradição, que afloram os germens mais proprios a inflammar a imaginação poetica. Quando cessa o estado de duvida e de lucta e passa por sobre a humanidade um largo bafejo de apaziguamento, o verdor da inspiração decae e definha n'essa torpida quietude.

É por isso que o poeta, em contacto com a sciencia, sem se escravisar á disciplina inflexivel de um systema philosophico ou ao labor absorvente da investigação scientifica, pôde ser um indisciplinado sem deixar de ser um poeta, se souber identificar-se com o espirito do seu tempo, não para fazer do estro um curso didactico, mas para o dar á humanidade conturbada como refugio de consolação, de reconcentração e repouso, do mesmo modo que a Siva da epopéa hindu se acolhe amavelmente ao apoio do braço robusto de Rama, que busca na floresta silenciosa uma vaga communhão de ternura e sympathia.

(Continúa).

JULIO LOURENÇO PINTO.

BIBLIOGRAPHIA

Propaganda de instrução para portuguezes e brasileiros. — Biographias de homens célebres dos tempos antigos e modernos. — David Corazzi, editor. Lisboa, 1884.

Apesar de uma certa attenção que ultimamente se tem revelado entre nós para o grande problema social da educação e instrução, são poucos ainda os volumes com que depois de uma escrupulosa escolha se podem enriquecer as nossas bibliothecas escolares e populares.

O editor lisbonense, snr. David Corazzi, emprehendeu ultimamente uma collecção de biographias, que podem alli occupar um logar muito distincto e importante, se o incansavel editor se resolver a modificar o plano e o fim da obra, apropriando-a para a educação moral; porque como obra de « propaganda de instrução » a que o editor a destina é uma obra que só merece censura.

O modo menos moroso, e, por consequencia o mais proprio, para propagar instrução é o de consubstanciar em systemas homogeneos o conjunto de conhecimentos que a evolução lenta dos tempos accumulou, reconhecendo verdadeiros. É o systema de exposição *dogmatica*, é o systema que, com muito tino mas por vezes deficiente exactidão scientifica, escolheu o snr. David Corazzi para a sua *Bibliotheca do povo e das escolas*.

Diferente d'este é o systema de exposição *historica*, segundo o qual se faz, segundo a sua ordem chronologica e pelos mesmos methodos, a exposição das tentativas feitas pelo homem na conquista do saber. A morosidade d'este systema, tornando-o até improprio para os que se dedicam ao estudo, muitissimo mais improprio o torna para uma obra de propaganda, destinada a fazer compartilhar da sciencia essa grande maioria de individuos que não pôde fazer estudos regulares nas escolas.

O primeiro systema é o unico a seguir n'uma obra planeada com esse intuito, porque é breve e claro; é o que dá a melhor solução ao problema da educação intellectual, que, como diz Comte, consiste em fazer chegar um espirito mediocre, no menor espaço de tempo, ao mesmo ponto de desenvolvimento que só n'uma serie de seculos, foi attingido por um grande numero de genios, para quem a vida foi um grande dia de trabalho.

O snr. Corazzi, afastando-se pois do systema dogmatico seguido na *Bibliotheca do povo e das escólas*, commetteu um erro grave como propagandista.

Acresce além d'isso a seguinte circumstancia: uma biographia é uma pagina destacada da historia, e, como tal, inintelligivel para os ignorantes a quem se dirige a propaganda; porque a *parte* não se comprehende bem sem o *todo*, nem um facto historico se pôde apreciar sem os seus antecedentes e consequentes. Comprehende-se que se dirija uma biographia a pessoas illustradas, porque em regra é um mero trabalho de apreciação historica, suppondo-se até o mais das vezes sabidos os factos; mas de nenhum modo uma biographia dirigida, no intuito de propagar sciencia, a individuos que nunca conheceram os factos de que se falla, e que o mais das vezes nunca imaginaram nome como o do biographado illustre. Um estudo n'este caso chega a ser um estudo prejudicial, porque quem estuda a parte (biographia) sem ter a ideia do todo (historia), ha de ter sempre como unico resultado o adquirir uma noção falsa e incompleta. *Parte* e *todo* são ideias correlativas, e como muito bem demonstra Spencer (*Les bases de la morale évolutioniste*, I, 4) « os termos correlativos implicam-se um ao outro ».

D'este modo os biographos ou hão de tornar-se muito extensos para ser claros e dar uma noção exacta, ou hão de ser breves para ser obscuros e incompreensíveis. Em qualquer dos casos um divulgador não attinge o seu fim.

A historia perdeu tambem já aquelle caracter que tinha antigamente. Hoje a historia não se resume, como se julgava outr'ora, nas biographias dos homens celebres. As celebridades deixaram de ser entidades sobrenaturaes, homens providenciaes que Deus mandava de tempos a tempos, quando queria operar uma grande modificação social, para ser simplesmente um producto d'essas « longas series de influencias complexas que produziram a raça em cujo seio apparecem, e o estado social a que esta raça chegou lentamente (Spencer, *Int. à la science sociale*, II). » Hoje a historia tende até a eliminar nomes para só apresentar factos. Os nomes e as biographias terão no futuro, a nosso vêr, um unico lugar — a escola primaria, e um unico fim — a educação moral.

Ora o snr. Corazzi com a sua serie de biographias, em vez de espalhar as ideias mais novas, vae contribuir para fazer sustentar ainda essa obsoleta e falsa noção de historia, e alimentar essa perniciosa idolatria pelos grandes homens, a quem a positividade das sciencias sociaes despiu a toga refulgente do sobrenatural. Esquece assim o snr. Corazzi a grande missão da imprensa, de espalhar as ideias novas, de combater a ignorancia e o preconceito. — Os codigos das nações, o ensino das escólas, as ideias professadas nas academias estão sempre muitos annos atrasadas da sciencia. A imprensa é que espalha os novos principios, que os discute, e d'elles faz selecção, até que um dia os homens da acção são forçados a pô-los em pratica. N'esta grande marcha da civilisação a imprensa é que vae na vanguarda com grande dianteira, levando na mão acceso o facho brilhante das ideias e dos principios.

Mas voltando á ideia principal. Não será facil ás creanças e ao povo que não estão á altura de apreciar a tão vasta complexidade das influencias sociaes, e depois de terem ouvido contar a historia de Samsão e dos doze

trabalhos de Heracles, o attribuir a forças occultas e sobrenaturaes aquillo que é simplesmente um producto da aptidão e trabalho do individuo humano, tirando partido da grande herança dos seculos?

Como auxiliares da educação moral, as biographias dos homens celebres pelos seus trabalhos e virtudes, ou pelos seus grandes crimes, tem um futuro prospero na educação das creanças e do povo.

A razão é que, como sabiamente affirmou o padre Newman, e com elle Bagehot, são guiados por modélos e não por argumentos. Por mais bella que seja uma doutrina moral, ella nunca passará de palavras, se não fór propagada pelo exemplo. O sangue dos martyres valeu mais para a propagação do christianismo do que a rhetorica dos apóstolos. Toda a doutrina a que ás palavras se não junte o exemplo, poderá ser julgada muito bella, mas será considerada como um ideal, a que se deverá aspirar sim, mas que se desespera attingir, porque ainda se não viu que alguém o fizesse. É que a vida dos mestres é que faz os proselytos, e não a sua doutrina, como diz Bagehot.

Quem tiver entrado na convivencia do nosso povo, — para não recorremos á historia, que nos diz de muitos homens que se tornaram illustres, entusiasmados pelos exemplos de outros, o que obrigou decerto Feuchtersleben a dizer que o valor dos heroes se transmittia como o fluido magnetico — achará uma confirmação cabal e completa da verdade que vimos expondo. O povo das aldeias para se desculpar dos seus vicios, quando alguém lh'os exprouba, recordando-lhe a doutrina dos propagadores, allega immediatamente: « elles dizem isso, mas afinal são ainda muito peores que nós. » Defende-se com o exemplo, não refuta a doutrina, mas diz mais: « só os santos é que não peccam, porque já Deus os fez para santos. » De modo que se julga a doutrina moral como um ideal inatingivel, porque assim o mostra a experiencia, sendo preciso para a sua realisação um auxilio sobrenatural. Embora se lhe objecte com a maxima — que é o reconhecimento tacito do principio de Newman — « olha para o que eu digo e não olhes para o que eu faço », vé-se praticamente o contrario: olha-se só para o que se faz, e nada para o que se diz. Nas povoações ruraes não é raro a corrupção do clero determinar a corrupção d'uma aldeia ou d'uma freguezia; effeito contrario produz muitas vezes a austeridade de um parochio exemplar. A razão é que o povo da aldeia, que recebe d'elles a instrucção moral, tambem espera d'elles o exemplo.

Nada mais proprio para generalisar a virtude, o vicio ou a *moda*, que os individuos mais salientes d'uma sociedade: a massa vulgar imita. Ora « a inclinação do homem para imitar o que tem diante de si, é, como diz Bagehot, uma das tendencias mais fortes da sua natureza. E isto prova-o o pezar que sentimos, quando a imitação não é feliz. (W. Bagehot, *Lois scient. du developp. des nations dans leurs rapports avec les principes de la sélection nat. et de l'heredité*, liv. III). »

O grande publicista inglez chega a explicar as tendencias especiaes de certas épocas e a formação dos caracteres nacionaes pela imitação voluntaria e inconsciente dos typos salientes. (*Lois scient. etc.*, liv. I, cap. IV).

Parece que o nosso espirito só se convence e ganha energia pelo exemplo. Tanto sob o aspecto intellectual como moral, ao nosso espirito repugna-lhe o admittir doutrinas ou theorias que se lhe mostram sem uma verificação pratica, que nos permita a nós mesmos julgar da sua veracidade e da sua possibilidade de realisação. Para o espirito humano crer em mysterios e dogmas foi preciso ameaçal-o com o inferno. Só depois da confiança, que nas verdades scientificas ou doutrinas moraes, nos inspira o exemplo é que a memoria augmenta a sua força retentiva, e que a vontade ganha energia. No estudo da physica e da chimica por exemplo é notavel o auxilio que pres-

tam os exemplos praticos. Na maioria dos casos o exemplo facilita a intelligencia do objecto; mas muitissimas vezes tambem a descripção do phenomeno é clarissima e exactissima, e portanto inutil sob esse ponto de vista; contudo todos se recordam do valioso concurso que para a fixação pela memoria prestam n'essas sciencias as experiencias.

É fundado n'essas considerações precedentes, baseadas no pensar de grandes espiritos, e largamente confirmadas pela psychologia e pela historia, que eu reclamo para as escolas as biographias dos homens notaveis pela virtude ou pelo crime, para que o meio prodigioso do exemplo robusteça a vontade das creanças para a pratica da virtude e para a fuga do vicio. É preciso que n'esses exemplos, reaes e humanos, as creanças e o povo aprendam que é pelo trabalho que se conquista o bem estar proprio, o bom nome e o respeito de todos, que aprendam a resignar-se e a lutar, que aprendam o amor pela humanidade, pela patria e pela familia, que aprendam, enfim, esse complexo de virtudes civicas que só constituem o bom cidadão. Por outro lado é preciso que aprendam o horror pelo vicio, que é elle que nos degrada e torna infelizes, que nos arruina o corpo, que nos embota o espirito, e que nos sujeita aos castigos, que são a consequencia natural do delicto, ou uma garantia de que a sociedade lança mão para assegurar o seu viver harmonico.

Uma obra n'este sentido será um grande passo dado na educação moral, entre nós tão descurada, tão descurada em toda a parte. Só depois que ella penetre o limiar das escolas, e corra as mãos do povo, é que este poderá compartilhar com melhor comprehensão d'essas festas da civilização moderna — os centenarios.

Hoje mais que nunca se reclama uma tal obra. A razão sobreesae n'estas palavras de Spencer (*Morale evolucioniste*, préface): «Hoje que as prescripções moraes perdem a auctoridade que deviam á sua pretendida origem sagrada, a secularização da moral impõe-se. Ha poucos desastres mais temiveis que a decadencia e a morte de um systema regulador, tornado insufficiente n'um dado momento em que um outro systema, mais proprio para regular os costumes, não está ainda prompto para substituil-o.»

É preciso metter nas mãos do povo e das creanças um novo *Flos sanctorum*, que lhes mostre a glorificação do trabalho e não do ascetismo, a fortificação do corpo para a lucta e não a sua maceração pelo jejum, pelos cilicios ou por outro qualquer meio, as virtudes civicas em logar d'essas virtudes religiosas que a sciencia já condemnou em grande numero.

É esta a obra que se reclama n'esta época de creanças vacillantes e de critica, em que se derrue sem se edificar. É preciso levantar os alicerces de novas creanças, afastando as ruinas das que desabaram. É preciso desfazer o cahos; é preciso abreviar a crise.

É moldadas segundo estas ideias que desejaríamos vér as *Biographias* do snr. Corazzi para proveito da educação nacional. Tornar-se-hia util uma obra que, além de inutil, é prejudicial pela falsidade e caducidade dos principios em que assenta; e seria mais um protesto lavrado contra a rotina dos nossos livreiros-editores, que copiam, cegamente e sem criterio, o plano das obras estrangeiras, especialmente francezas.

Coimbra — Maio de 84.

AUGUSTO BROCHADO.